





EX-LIBRIS

BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

M.S.C.

W.

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

AFFONSO CELSO

Da Academia Brasileira



OITO ANOS DE PARLAMENTO.

REMINISCÊNCIAS E NOTAS

Historia quomodo scripta delectat.



RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C. — Rua do Ouvidor 66
CASAS FILIAES EM S. PAULO E RECIFE

1901

OITO ANOS DE PARLAMENTO

Obras do mesmo autor

Vultos e Factos

Minha Filha

O Imperador no Exílio

Lupe

Notas e Ficções

Rimas de Outr'ora

Um Invejado

Guerrilhas

Contradictas Monarchicas

Giovannina

O Assassinato do Coronel Gentil de Castro

A Imitação de Christo

Porque me ufano do meu paiz.

AFFONSO CELSO

Da Academia Brasileira



OITO ANOS DE PARLAMENTO

REMINISCENCIAS E NOTAS

Historia quoquomodo scripta delectat.



RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C. — Rua do Ouvidor 66
CASAS FILIAIS EM S. PAULO E RECIFE

—
1901

Io meu amigo

MAX FLEIUSS

INDICE

	PAGS.
Dedicatória	V
I Epoca em que fui deputado	1
II Como fui eleito	9
III Os eleitores	19
IV O competidor	29
V Primeiras impressões	35
VI Os presidentes do conselho	41
VII Os presidentes da Camara	107
VIII Os ministros	117
IX Os oradores	139
X Outros oradores	161
XI Deputados notaveis	171
XII Traços psychologicos de alguns deputados . .	187
XIII Phisionomia de uma sessão	199
XIV A abolição	213
XV Prodromos da Republica	247
XVI A ultima sessão da Camara na monarchia . .	277
XVII O parlamentarismo no Brazil	289
XVIII Observações finaes	305

I

Epoca em que fui deputado

Desde Dezembro de 1881 até 15 de Novembro de 1889, isto é, durante oito annos menos um mez, exerci, sem outras interrupções sinão as provenientes dos intervallos legislativos, as funcções de deputado ao parlamento, como representante do então 20º districto eleitoral de Minas Geraes, minha provincia natal.

Fui eleito 4 vezes : a primeira a 31 de Outubro do mencionado anno de 1881, por mais de 100 votos de maioria ; a segunda a 1 de Dezembro de 1884, por 9 votos de maioria ; a terceira, a 15 de Janeiro de 1886, por 11 votos de maioria : a quarta, a 31 de Agosto de 1889, por centenas de votos de maioria — 637 contra 162, dados ao meu competidor

As assembléas de que fiz parte foram todas dissolvidas : a primeira pelo gabinete Dantas ; a segunda pelo gabinete Cotegipe ; a terceira pelo gabinete Ouro Preto ; a quarta pela sedição militar constituidora da republica .

Servi no cargo de 1º secretario da Camara por espaço de sete mezes, de 13 de Fevereiro a 26 de Setembro de 1886 .

Fui um dos cinco membros da commissão especial encarregada de examinar o projecto do Poder Executivo concernente á abolição immediata e incondicional do elemento servil. Entrei, além dessa, em varias outras commissões importantes.

Encetei a vida publica, por occasião de ser executada pela primeira vez a lei de 9 de Janeiro de 1881, conhecida sob o nome de lei Saraiva, — quer dizer numa das mais livres eleições havidas no Brazil. Os pleitos em que triumphei por insignificante numero de votos — pleitos renhidos, — foram : 1º o realisado sob a pressão da questão servil, governando

Dantas; 2º o effectuado sob o ministerio de adversarios meus, presidido pelo Barão de Cotegipe. Deixei o parlamento, em consequencia do levante militar que derribou a monarchia.

No correr dos oito annos da minha carreira parlamentar, conheci nove ministerios, oito presidentes do conselho (1), 54 ministros (2), 12 presidentes da Camara (3).

Tratei com os homens mais notaveis dos partidos então existentes.

(1) Saraiva, Martinho Campos, Paranaguá, Lafayette, Dantas, Cotegipe, João Alfredo, Ouro Preto.

(2) Além dos presidentes do conselho citados. — Doria, Lima Duarte, Rodolpho Dantas, Mafra, Franco de Sá, Paula e Souza, Carneiro da Rocha, Affonso Penna, Alves de Araujo, Leão Velloso, Moura, Lourenço de Albuquerque, Meira de Vasconcellos, Carlos Affonso, Fleury, Avila, Maciel, Prisco Paraizo, Soares Brandão, Almeida e Oliveira, Rodrigues Junior, Sodré, Matta Machado, De Lammare, Candido de Oliveira, Luiz Felipe, Camargo, Marmoré, Portella, Joaquim Delfino, Mac-Dowell, Belizario, Alfredo Chaves, Castrioto, Junqueira, Antonio Prado, Rodrigo Silva, Costa Pereira, Ferreira Vianna, Rosa e Silva, Vieira da Silva, Thomaz Coelho, Gnahy, Diana, Ladario o Maracajú.

(3) Martinho Campos, Martin Francisco, Moura, Lima Duarte, Moreira do Barcos, Alves de Araujo, Doria, Fleury, Figueira, Gomes de Castro, Lucena, Carlos Affonso.

Assisti a debates sobre todos os assumptos de politica e administração. Elaboraram-se e appareceram em meu tempo relevantes relatorios e preciosas monographias.

Dos projectos que se discutiram, muitos dos quaes se converteram em lei, cumpre recordar os relativos ás seguintes materias:— Observação da passagem do planeta Venus ; concessão de patentes aos autores de invenções e descobertas ; sociedades anonymas ; furto de gado ; auxilios ás victimas da secca ; medidas preventivas contra epidemias ; reforma das faculdades de medicina e direito ; augmento de deputações ; aperfeiçoamento do systema eleitoral ; reforma do governo provincial e municipal ; emissões bancarias e de bilhetes do Thesouro ; execuções civeis e commerciaes ; extincção da pena de açoites ; crimes de destruição, damno e incendio ; acções hypothecarias ; penhor agricola : serviço sanitario ; lavoura e industria ; litigio de Missões ; conversão do

juro das apolices ; registro de nascimentos, casamentos e obitos: marcas de fabrica e commercio; caixas economicas. de monte-pio e de soccorro; casas de operarios e classes pobres; estradas de ferro: administração judiciaria; arrecadação de impostos; ensino primario, secundario e superior; aposentação de magistrados: juramento parlamentar e de doutores e bachareis; emissão de bilhetes ao portador; repartições de meteorologia. correios, telegraphos, museus e engenhos centraes; policia, guarda nacional: theatro; imprensa; empréstimos internos e externos; conservatorio de musica: recolhimento do papel moeda: propriedade litteraria e artistica; bancos de capital metallico; assistencia publica: melhora-mento de portos; reorganisação do exercito e da armada: alistamento. instrucção, educação, promoção e obras militares.

Isto, sem falar nas discussões frequen-tes de interpeilações e requerimentos.

na de resposta á fala do throno, na de fixação annual das forças de terra e mar, nas do orçamento de cada ministério, na da receita geral,— discussões a proposito das quaes se agitavam ideias e se propunham medidas, não raro effectuadas, acerca de todos os ramos da actividade social.

No meu tempo, declarou-se extincta a escravidão no Brazil, e o exercito e a armada, em nome da nação, constituíram o Governo Provisorio republicano.

Nestas condições, creio que não serão destituidas de interesse algumas notas sobre as pessoas com quem privei e os acontecimentos em que intervim.

Não passam de rapidas e desprezenciosas impressões.

Publico-as na esperança de que talvez forneçam ao investigador futuro traços utilisaveis para a physionomia da epoca.

Em começo, direi algo sobre a maneira como alcancei o mandato, sobre os

meus eleitores e sobre o meu competidor constante nos quatro pleitos.

Esboçarei, em seguida, o perfil dos presidentes do Conselho, dos presidentes da Câmara, dos ministros, bem como o dos oradores e dos simples deputados que se salientaram nesse periodo.

A narrativa de alguns successos e as observações syntheticas que me suggeriram as personalidades e os factos porão termo ao singelo trabalho.

II

Como fui eleito

Assacam-me assiduamente a pécha de haver sido eleito sem elementos propios, graças apenas ao prestigio de Meu Pai. Sou apontado como um dos *filhotes*, característicos da corrupção monarchica.

E' verdadeira a primeira parte. O unico protector e chefe que tive na carreira politica e quem me abriu as portas dessa carreira foi o Visconde de Ouro Preto. As recommendações de que proveio o meu ingresso no parlamento devo-as a elle exclusivamente. Andou mal?! Ha, pelo menos, no meu caso, varias attenuantes.

Por si só, independente de qualquer patrocínio e auxilio, ninguem jamais, em parte alguma, começou a vida publica.

Que é uma candidatura séria ? E' aquella que foi suggerida ou adoptada por uma ou muitas influencias locais ou geraes. Consistem nisso mesmo os chamados elementos de um candidato : na estima e confiança que inspira a correligionarios e amigos, os quaes tomam a iniciativa de apresentar, ou resolvem suffragar o nome delle.

Relativamente a mim, quem tomou essa iniciativa, dispensou-me aquella coadjuvação e patrocínio, quem, em summa, me deu a mão foi Meu Pai, então chefe politico de vasto prestigio.

Onde o erro, si elle me reputava (sem razão, mas sinceramente) possuidor dos necessarios requisitos ; si nenhum eleitor violentou ; si empregou sómente meios licitos ; si não era governo na occasião ; si, indigitando-me, a ninguem prejudicou ou preteriu ?

— Não fôra o amor paterno, sempre suspeito, — contrariar-se-ha, — e tão cedo não conseguirieis a cadeira.

Pode ser que sim, pode ser que não. Não ha duvida que a posição de Meu Pai, Senador do Imperio, embora não exercesse effectiva autoridade, tudo me facilitou.

Mas, numa organisação essencialmente democratica, qual a do passado regimen, o facto de usar alguém um nome já illustre, a par de incontestaveis vantagens (e nenhumas superiores ás que me couberam, das quaes me orgulho) acarretava embaraços positivos. Regalias e privilegios de nascença só os desfructava a familia do soberano. A todos era licita e facil a concorrência. Sómente por meio de luta e esforço se triumphava.

Ora, contra o descendente de um homem notavel militavam : primeiro, a pesada responsabilidade da tradição que cumpria zelar e desenvolver ; depois, as attitudes de antemão fixadas para com individuos e acontecimentos : em terceiro lugar, os odios, as prevenções, as invejas, a má vontade que, não raro, assaltavam

o estreiante, simplesmente porque era filho do seu pai.

Como quer que seja, si o Visconde de Ouro Preto procedeu mal indicando-me prematuramente, attenuavam-lhe a falta, repito, diversas circumstancias:

Tempos antes, ainda eu na Faculdade de Direito, offerecera-me espontaneamente o Directorio Liberal de Ouro Preto um assento na Assembléa Provincial, o que rejeitei. Não recebi durante a candidatura de 1881, a menor assistencia official. Tratava-se, já o disse, do primeiro ensaio da lei Saraiva, ensaio em que o eleitorado gozou de plena liberdade, derrotando dois ministros da corôa, os Srs. Homem de Mello e Pedro Luiz, e fazendo triumphar avultada phalange de conservadores, adversarios do gabinete. Meu Pai serviu-se em proveito meu, pura e simplesmente do seu prestigio individual, adquirido (era um perfeito *self made man*), á custa de longos labores e sacrificios.

Como todo o Imperio, Minas Geraes fôra dividida em circumscripções eleitoraes de um só deputado cada uma, acabando-se com o escrutinio de lista, ou de chapa collectiva. Uma dessas circumscripções ficara composta de comarcas que Meu Pai outr'ora representara, durante o regimen de districtos com tres deputados. Possuia ali verdadeiras dedicações. Antes de se lembrar de mim, offerecera elle a candidatura por aquella zona a diversos correligionarios que preferiram outras, por desconhecerem as condições partidarias ali creadas pela nova organisação, e não se animarem a lá ir, attenta a enorme e difficil viagem.

Havia um chefe local com titulos para ser escolhido. Esse, porém, estava incompatibilizado.

Achava-se então no Rio um dos mais sinceros e dedicados amigos da minha familia, o coronel Gentil José de Castro, valente cabo eleitoral, relacionado com todo o districto, onde contava numerosos

parentes. Meu Pai falou-lhe a meu respeito e elle assentiu, do melhor grado, em me coadjuvar

Como negocios o chamassem ao norte de Minas, convidou-me :

— Venha commigo. Percorreremos juntos o districto. Si encontrarmos disposições favoraveis, você se apresentará. No caso contrario, moço, como é, prestará serviços, adquirirá amizades que lhe hão de ser sempre uteis, habilitando-se para outra vez. Aproveitará em qualquer hypothese, pois, quando menos, visitará immensa e curiosa região da nossa terra.

Seduziu-me principalmente a perspectiva da viagem. Partimos. Embarcamos para a capital da Bahia e dahi para Belmonte, porto ao sul dessa provincia. Ia comnosco, em missão professional, o Dr. Chrockatt de Sá, mais tarde, sob a republica, director da Estrada de Ferro Central do Brazil. Quasi naufragamos, victimas de violenta tempestade, ao sahir daquelle primeiro porto. Arribamos a

Ilhéos ; tocamos em Cannavieiras : subimos o Jequitinhonha, a principio em vapor, depois em canôas. Tomamos animaes em S. Miguel, já Minas, e, após compridas jornadas, chegámos á cidade do Grão Mogol, cabeça do 20º districto.

Perlustrei grande extensão d'elle, de parochia em parochia, procurando eleitor por eleitor. Nenhum contrahira ainda compromissos quanto ao proximo pleito. Simples, chãos, accessiveis, acolheram-me com a affabilidade proverbial dos mineiros, sobretudo no sertão. Realizei frequentes defezas no jury e conferencias publicas que me valeram ealorosas adhesões. Labutei activamente, angariando amigos decididos que nunca me faltaram, e até hoje se me eonservam fieis.

O facto de não me haver eu poupado a incommodos e perigos, viajando eentenas de leguas para visitar o districto. — coisa que nenhum candidato tinha ainda feito : — as cartas de Meu Pai, a prestante collaboração do coronel Gentil que não

me deixou, empenhando-se por mim com ardor, produziram effeito decisivo. Posso dizer que conquistei o districto, que de novo percorri em 1886. Ganhei solido terreno a pouco e pouco. Afinal, cabalava por mim toda a gente de valor.

Suave, pacifico, sem reclamações ou protestos, correu o escrutinio. Os proprios adversarios me trataram com a maxima deferencia.

Sabido o resultado, regressei ao Rio de Janeiro por terra, atravessando de extremo a extremo Minas Geraes.

Não havia imprensa nem telegrapho no districto, de penosas e demoradas communicações com Ouro Preto, então capital da provincia, e a Côrte.

Causou, pois, surpresa a exhibição do meu diploma numa das primeiras sessões preparatorias da nova legislatura. Eu contava menos de vinte e dois annos de idade. Era tão liquido o meu direito que immediatamente o reconheceram e tomei assento.

Que intensa emoção,—mixto de contentamento, receio, ambição de gloria, desejo de trabalhar, esperança, desencanto, -- na hora em que me vi proclamado um dos legisladores do meu paiz !

III

Os eleitores

E' uma zona sem grande riqueza, mas tambem sem grande miseria, o norte de Minas. Tem-n'o assolado ultimamente terribes seccas. No tempo em que o representante gozava de farta mediania.

Compunha-se o antigo 20º districto de pequenos nucleos populosos, muito afastados uns dos outros. Trabalhos de lavoura e criação, em modesta escala, occupam a maioria dos habitantes.

Vida facil, necessidades restrictas, horizontes estreitos.—obedeciam elles mais aos chefes locais com quem lidavam e de quem recebiam favores immediatos, do que ás influencias do centro. Indirectamente, exerciam estas a sua acção, por intermedio daquelles chefes.

A exiguidade do meio faz com que qualquer acto reprehensivel seja logo sabido e commentado. Essa fiscalisação, junta á natural bondade e genio prestadio dos moradores, torna-os serios, sinceros, leaes.

Comprehensão facil, temperamento activo e vivaz, distingue-os inexcedivel espirito de hospitalidade. Não ha hoteis, mesmo nas cidades de certa ordem. Os moradores consideram um desar não receber hospedes. Em todas as casas, existem aposentos sempre preparados para alojar viajantes. O quarto dos hospedes, a roupa de cama dos hospedes, — são expressões vulgares da linguagem familiar. Ainda os mais humildes recebem com extraordinario agrado quem lhes bata a porta. Matam, para obsequiar o recém-vindo, a gallinha unica que possuam.

Em compensação, interrogam avidamente o viajante, sequiosos de novidades. O hospede preenche para elles a funcção de um jornal falante: dá-lhes noticias e

informações. Muita vez, na hora em que, moido de exhaustiva caminhada, por pessimas estradas, sob sol de queimar ou chuva de dissolver os ossos, o pobre homem se enfia sob os lençóes no intuito de recuperar forças para igual estafa no dia seguinte,—eis que se lhe apresenta o dono da casa, toma um tamborete ao lado, e, preparando com a faca de ponta, comprido cigarro, declara: « Agora podemos conversar á vontade; vamos lá, conte-me por miudo as novas do Rio. »

Ai do inquirido que se recusasse! Ingenuos, exigentes e desconfiados, não perdoam, nem esquecem a menor falta. E não perdem ensejo de vingança.

Dois estrangeiros, de origem hebraica, dominavam, naquella quadra, um a cidade do Rio Pardo, outro a do Grão Mogol. Dizia-se que haviam apparecido por lá como mascates. Fixaram-se, identificaram-se com os habitos e os interesses da população, sobre a qual ganharam gradativamente legitima ascendencia.

Constituiu um delles respeitavel familia. Negociava em diamantes : ia de tres em tres annos á Europa, onde mandou educar os filhos mais velhos ; era o typo do homem operoso e serviçal. Foi nomeado official da ordem da Roza ; estava a ponto de ser barão. Isto prova a accessibilidade, a ausencia de preconceitos do nosso meio social.

A politica—eis para essa gente o exercicio superior das faculdades, o divertimento predilecto, a favorita occupação. Não a politica de idéas e principios, mas a do mando local, a da emulação mesquinha, a do amor proprio inintelligente que não toleram a supremacia do contrario, pondo o maximo empenho em a impedir ou annullar. A politica, em taes condições, assume o character de jogo, com todas as sensações e excessos de similhante paixão. Dispendem avultadas sommas, atrelados a ella ; olvidam, para a contentarem, negocios e obrigações. Ella os embriaga e arrasta. O candidato torna-se, de

ordinario, um pretexto, um instrumento de baterem os rivaes. Appreciam o candidato bom, porque fornece maiores probabilidades de victoria. E' um trunfo. Votam no mau, uma vez adoptado, com igual enthusiasmo. Até senhoras trabalham e se apaixonam pela partida. A questão é não perder. Quanto a programmas, não concebem como cousa primordial o seu valor, excepto em se tratando de reformas capitães que a todos, indistinctamente, affectam, como foi a do elemento servil. Gostam de que o seu deputado sobresaia e intervenha assiduo nos debates da Camara, porque assim se realçam sobre o adversario, satisfazendo a vaidade

Por outro lado, julgam que o deputado deve ser uma especie de procurador ou commissario geral para todas as incumbencias, mesmo as de ordem mais particular. Que de estramboticas encommendas! Escrevem a miudo e exigem prompta resposta. Não ter cartas no correio importa para elles o mesmo que não ter

hospedes: uma inferioridade. A' falta de quem lhe escrevesse, chegou uma influencia a endereçar envolveros de epistolas a si propria, afim de não desmerecer no conceito de seus conterraneos.

Comquanto se classifiquem neste ou naquelle partido, menos por amor á doutrina que por acaso de nascimento, relações de amizade, reconhecimento a obsequios, dependencias, conservam-se fieis á bandeira jurada. Tão firmes e cumpridores da sua palavra que de antemão podia affirmar-se qual o resultado de cada collegio, sendo raras as surpresas. Poucas abstenções: votar era-lhes prazer e dever. Casos de venalidade nunca os observei. O censo alto da qualificação contribuiu para evitar esse abuso. Mesmo os pedidos para empregos publicos não subiam a quantidade exagerada, porque de exíguo numero de cargos a distribuir dispunha o candidato. Consistia o seu forte nas patentes da guarda nacional e nas condecorações, sujeitas a limitações obvias.

Muito seguro e lucido o criterio dos politicos sertanejos na apreciação de homens e factos! Formam no geral juizos mais justiceiros do que os expendidos nas capitaes. Os que assignam folhas, leem-nas lenta e meditadamente, contemplando as cousas com imparcialidade e calma, sem que elementos estranhos lhes deturpem a conscienciosa ponderação. Ferem-lhes a retina incidentes que nos centros a muitos escapam. Quanta reflexão original e conceituosa acerca de successos politicos, em individnos de baixa esphera e escassa instrucção!

Jamais, no 20º districto, medrou a fraude, — que inutilisa todos os esforços licitos, — ou a violencia material. Nada de morticinios ou pugilatos, no dia do escrutinio. Vencida a eleição, entregavam-se os triumphadores a vivas demonstrações de regosijo, sem, contudo, desrespeitarem os derrotados, — parceiros constantes, com quem tinham de conviver, e aos quaes, não raro, os ligavam

vinculos de parentesco e affinidade. Sogro e genro, cunhados, irmãos militavam em facções antagonicas, mantendo intimidade entre si. Costumavam, entretanto, os vencedores, ao se proclamar a victoria, atacar uns foguetes especiaes que ao subir soltavam estridente assobio, á guiza de vaia. No mais, escreviam as actas e outros documentos eleitoraes com apurado rigor de calligraphia e redacção.

Em resumo: não guardo dos meus antigos eleitores o menor resentimento. Vivi sempre optimamente com elles. Não me consta que haja feito um unico inimigo. Varios se me conservam affeioados. Segundo a minha experiencia, poucas e faceis são as regras para lhes captar e reter as sympathias. Reduzem-se ao seguinte: tratal-os com polidez e apreço; falar-lhes, invariavelmente, a verdade; proceder com a maxima lisura. Apesar de genuinamente democraticos, irrita-os a familiaridade irreverente. O candidato

apanhado numa mentira, ou num passo equivoco, nunca mais é acreditado, desmoralisa-se.

Cumprê responder-lhes a todas as cartas, mesmo e mormente quando se lhes nega o serviço solicitado ; visital-os, si elles vêm ao Rio, interessar-se pelos seus negocios, ouvil-os com paciencia e attenção, leval-os á Camara. apresental-os aos deputados illustres, satisfazer-lhes, no limite do razoavel, as incumbencias, rejeitando com franqueza as inexequiveis.

Prometter o menos possivel. jamais assegurando em tom peremptorio a effectividade da promessa. Desta maneira. realizada ella, o obsequio augmenta de valor : no caso contrario, não surgem agastamentos e decepções.

Solicitar-lhes insistente o voto, capacitando-os de que, concorrendo ao pleito. fazem assignalado favor.

Emfim, avantaje-se quanto puder o deputado no desempenho dos seus deveres. Appareça de fórma airosa na tribuna

e na imprensa. Faça falar vantajosamente de si. Convem que o amor proprio dos mandantes se sinta lisongeados por motivo da feliz e applaudida designação do mandatario.

IV

O competidor

Foi-me contendor unico nos quatro pleitos a que concorri o coronel Manoel Fulgencio Alves Pereira, depois da republica deputado á Constituinte e aos congressos federaes subsequentes. Era então conspicuo membro do partido conservador mineiro.

No physico, baixo, delgado, grisalho. olhar franco e doce atravez de oculos azues. Moralmente, um mineiro ás direitas.

Antigo professor de humanidades. advogado provisionado, perspicaz, insinuante, serviçal, vivaz e traquejado. exprimindo-se com facilidade dispondo de boa lettra e excellente estylo epistolar. o coronel Manoel Fulgencio, que, na

primeira eleição nenhum receio me causara, tornou-se nas seguintes adversario temivel.

Um dos defeitos dos districtos uninominaes consistia em que, emquanto o deputado se esforçava no Rio por desempenhar bem o seu papel, aproveitava-se o competidor da ausencia d'elle para desagregar-lhe os elementos, explorar as queixas, seduzir-lhe os amigos, intrigal-o, agenciar forças que de futuro o derrotassem. Era o que geralmente succedia. Poucos logravam reeleição.

Com o correr do tempo, gasta-se o mais solido prestigio, sobretudo diligenciando o adversario dia e noite por diminuir-o e corroel-o.

O coronel Manoel Fulgencio, todavia, nunca recorreu a meios inconfessaveis. Provinha-lhe o valor do cavalheirismo e lhaneza do proceder. Não havia dizer mal da pessoa d'elle. De extraordinaria actividade, avezado ás viagens pelo sertão, conhecendo a fundo os costumes e o

caracter dos habitantes, compadre de meio mundo, relacionado com os proprios contrarios que nunca molestava, fino estrategista eleitoral, affavel, sem excepção alguma, emerito cabalista, inspirava universal acatamento, e exercia genuina influencia.

De uma feita, representou sósinho o seu partido numa assembléa provincial toda liberal, occupando em opposição a tribuna quotidianamente. de maneira, si não brilhante, pelo menos reveladora de tenacidade e facundia fóra de commun. Proverbial a sua bonhomia. popularissima a sua alcunha — o *Manduca*.

Na eleição effectuada sob a pressão da questão servil, e na que teve lugar ao se iniciar a situação conservadora, chefiada pelo barão de Cotegipe, custou-me a vencer Manoel Fulgencio, por poucos votos, após renhida campanha.

Um facto significativo define sua estrutura moral. Num dos pleitos, em collegio onde eu alcançara maioria, elle

protestou, e ajuntou documentos para ir pessoalmente sustentar o protesto perante a junta apuradora reunida na cidade do Grão Mogol, distante do ponto em que ambos nos achavamos.

Disponha-se a partir, quando soube que adoecera em outro ponto, igualmente afastado, alguém de sua família que lhe reclamava a presença, sem demora. Havia urgencia na apresentação do protesto. O correio não chegaria a tempo. Só restava o recurso de um *proprio* ou *positivo*, consoante á giria local. Esses propios são estafetas particulares que, mediante razoavel retribuição, encarregam-se de levar cartas e jornaes de um lugar a outro. No commum, viajam a pé, calçados de alpercatas, um sacco ás costas. Realizam extensos trajectos, celebrisando-se pela rapidez e fidelidade com que cumprem as suas commissões. Estava de serviço o *proprio* de que poderia valer-se o coronel Manoel Fulgencio. Então, procurou-me elle e disse :

— Eis aqui papeis importantes contra sua eleição. Preciso de portador seguro para leval-os a Grão Mogol. Como sei que o senhor segue amanhã, rogo-lhe que se incumba disso, e ficarei tranquillo.

Nunca involucro algum me mereceu tanto cuidado e attenção, como o que aceitei do meu contendor. Em caminho, guardei esse involucro constantemente junto ao peito, receioso de incidentes que me impedissem o desempenho do encargo. Chegado ao Grão Mogol, apeei-me á porta do chefe adversario, com surpresa dos meus amigos, e só soceguei quando vi acautellados os escriptos.

Este e outros factos imprimiram ás luctas eleitoraes do 20.º districto rara feição de nobreza. Onde nos encontrassemos, eu e o meu contendor, trocavamos amaveis visitas, o que reflectia beneficamente no sequito dos nossos adherentes. As actas das eleições, constantes dos archivos da Camara, attestam a regularidade e a correção dos processos ali usados.

Abandonei a politica, trazendo do meu aliás implacavel competidor as recordações que traria do adversario com quem houvesse galhardamente esgrimido numa sala de armas. Sei que elle manifesta a meu respeito identico juizo.

As nossas relações, sempre cortezes, ultimamente se estreitaram. Mais de uma vez, temos conversado joviaes sobre as traças e ardis a que outr'ora nos soccorriamos para mutuamente nos fazer mal.

Continuamos adversarios, porque elle prestou adhesão á Republica, no que lhe assistiu pleno direito, pois nenhum vinculo especial o prendia á sorte da monarchia. Mas a nossa convivencia dá-nos peregrino prazer moral. Somos exemplo de que é possivel se travarem ardentes batalhas politicas, sem que o character individual dos combatentes soffra o mais ligeiro ataque, antes pairando, serena e inviolavel, a dignidade de cada um sobre as mais agitadas conjuncturas.

Primeiras impressões

As emoções do deputado a uma alta assembléa, quando nella entra pela primeira vez, presumo-as muitissimo mais intensas do que as do actor na famosa noite de estreia.

Acham-se ambos num palco, expostos ás vistas e criticas da multidão ; mas as responsabilidades do deputado são incomparavelmente maiores, e elle não sabe de antemão as phrases e os gestos do seu papel. Dahi, para quem não desfructa a inabalavel confiança em si. apanagio da imbecilidade, vivas sensações de susto. constrangimento, mau estar.

A par destas, fôram más as minhas primeiras impressões, no dia em que comecei a tomar parte nos trabalhos da Camara.

Eu vinha da Academia, a mente povoada de chimeras e illusões. Suppunha o parlamento um preclaro congresso, sempre occupado de elevados assumptos, o pensamento fixo no bem da Patria, acclimado no ambiente da superioridade. Em estudante, eu pouco lhe frequentava as galerias. Espectador, só lhe conhecia os aspectos decorativos. Ignorava-lhe os bastidores e os quartos baixos.

Impressionou-me, antes de tudo, a ausencia de gravidade nas relações dos deputados entre si. Ouvia-se nos corredores a mais livre linguagem, contavam-se anécdotas improprias, e, sobretudo, falava-se horriavelmente mal da vida alheia, mais da dos amigos que da dos adversarios. Observei defeitos identicos aos notados nas reuniões de estudantes: intrigas, pequenas rivalidades, invejas, leviandades, sem o entusiasmo e o desinteresse caracteristicos dos rapazes, mas revestidas, em compensação, de calculo e astucia. Amarga decepção! Será esta a grande politica da

minha terra?!— indagava eu, de mim para mim. Affligia-me o que se me afigurava incompreensão das obrigações contrahidas.

Tudo me parecia levado á ligeira, de modo negligente e confuso.

Dominava os espiritos a tendencia pessimista. Só se contavam nos grupos narrativas de abusos praticados por autoridades subalternas, queixas, vaticinios desagradaveis. Os ministros eram maltratados sem pena, mesmo ou mormente por aquelles que os apoiavam.

No dia do pagamento do subsidio, tornava-se grotesco o espectaculo. Comparciam os menos assiduos. Havia, a principio, luxos, reluctancias fingidas, affectações de se não lembrarem de que iam receber diulheiro. Depois, agglomeravam-se na sala em que o empregado do Theouro effectuava a distribuição. Que ares theatralmente indifferentes, ao embolsarem as notas! Que sofreguidão noutros! Estes verificam attentamente a quantia.

Repetem aquelles conhecidas graçolas : « Eis a verdade do systema representativo... E' o nervo da guerra! Ninguem imagina quanto isto estimula o patriotismo e esclarece as idéas ! » E retiravam-se lepidos, radiantes... A verdade é que eram todos pobres: a politica até então nunca enriquecera ninguem no Brazil.

Por outro lado, reinava camaradagem. Raras incompatibilidades, oriundas de odios irreconciliaveis. Muita vez, após violentas explosões de tribuna, saiam de braço dado os antagonistas. Os odios grassavam mais no seio do mesmo partido, que de partido a partido.

A estes traços cumpre accrescentar: a nimia importancia que cada um attribuia a si proprio; certo desdem pelas letras e artes, cousas pouco sérias, indignas de gente circumspecta; a febre de exhibição; a ancia de exercer mando e poderio, de influir, directa ou indirectamente na marcha governamental; a nenhuma sympathia ou piedade para com os desastres politicos de

outrem, — antes manifesto prazer, sobretudo em se tratando de um correligionario, concurrente possivel; a escassa imparcialidade nos julgamentos, summamente severos, filhos de idéas preconcebidas e *partis-pris*; o enorme dispendio de tempo e talento em resolver questiunculas, destituidas de interesse para o grosso publico.

Desde logo, fui sorteado membro de uma das commissões encarregadas de examinar o processo eleitoral. De perto, conheci ali a preocupação partidaria sobrepujando o sentimento de justiça, o sophisma, em pugilato victorioso contra a verdade, os mil manejos do politiquismo em acção.

Sentia-me deslocado, enojado, reconhecendo a exactidão do dito de Thiers: «Os bellos discursos podem mudar as opiniões, porém nunca mudam os votos.» Gravaram-se-me nã mente as desanimadoras phrases de Max Nordau: «A vida publica renova, no meio da nossa civilisação pacifica, todas as condições da vida

dos homens primitivos,—vida em que não ha tregoa, nem repouso, em que cada qual deve continuamente combater e vigiar, espreitar, espiar, pesquisar as pegadas dos outros e apagar as proprias, dormir com as armas na mão e os olhos semi-abertos,—vida em que cada homem é um inimigo, em que temos a mão levantada contra todos e a mão de todos levantada contra nós, em que somos sem cessar vilipendiados, molestados, calumniados, contundidos, em que vivemos, numa palavra, como o pelle vermelha sobre a pista de guerra, nas florestas antigas.»

Mas, a pouco e pouco, ao lado dos senões apontados, desvendaram-se-me irrecusaveis qualidades. Entrei a interessarme pelo jogo do systema, mais apparelhado para evitar o mal que para praticar o bem, e de tão variadas e curiosas scenas. Insensivelmente, fui absorvido. Imprevisto e empolgante desenrolou-se o entretcho. Principiaram a desfilarem os personagens principaes.

VI

Os presidentes do conselho

I

MARTINHO CAMPOS

Quando se reuniu a nova Camara, occupava o poder o ministerio Saraiva, referendario da reforma eleitoral. Mas achava-se reduzido esse ministerio ao seu chefe, e aos conselheiros Dantas, Franklin Doria e Lima Duarte. Dos outros ministros, Buarque de Macedo fallecera inopinadamente em S. João del Rei, por occasião de se inaugurar a Estrada de Ferro Oeste de Minas: Pelotas se exonerara: Pedro Luiz e o barão Homem de Mello haviam sido derrotados nas urnas.

e, em consequencia da derrota, obrigados a abandonar o poder.

Em virtude da idade, assumiu a presidencia nas sessões preparatorias o deputado Martinho Campos, desde logo indigitado como successor de Saraiva. Occorreu isso em fins de Dezembro de 1881. A 21 de Janeiro de 1882, organisou elle o seu gabinete, depois da recusa do Visconde de Paranaguá.

Martinho era então homem de mais de sessenta annos, alto, todo escanhado, uma grande verruga no queixo, sorriso zombeteiro, pequenos olhos faiscantes de malicia, physionomia espevitada de actor. Ha uns retratos de Coquelin *ainé* que dão ares com Martinho, nessa quadra.

Nada succedeu de importante nas sessões preparatorias. Durante os cinco mezes e poucos dias em que Martinho exerceu o governo, raras vezes falou na Camara. Fôra nomeado simultaneamente ministro e senador. Tomou a palavra apenas ao apresentar o ministerio, para

discutir duas ou tres interpeilações, a resposta á fala do throno e a prerogativa do orçamento. Não o pude apreciar, pois, devidamente como parlamentar.

Immensa a sua fama de *debater* vivaz, fertil em manobras, palavra facil e mordaz! No character de presidente do conselho, não lhe era dado utilizar-se desses predicados. Conforme elle proprio mais de uma vez confessou, sentia-se acanhado, fóra do seu meio, privado dos recursos habituaes. Levava a vida inteira a fazer opposição. Em nenhum cargo publico até ali estivera, á excepção da presidencia do Rio de Janeiro. Pesavam-lhe agora a circumspecção ministerial; o dever de cingir-se a apertadas normas: a obrigação de responder com precisão e gravidade substituindo o vezo de inquirir impertinentemente: a necessidade de medir as phrases e guardar reservas.

Não agradou o seu discurso programma. Foi longo, diffuso, sem elevação. Via-se que o orador não se preparara

fiado na sua extensa pratica de falar. Sob a pressão da solemnidade, sentindo novas e arduas responsabilidades, hesitava, mastigava os termos, procurava em vão quem o interrompesse, não achando ensejo de terminar.

Quanto a idéas, que decepção! Não cogitava de nenhuma das apregoadas reformas liberaes. Propunha-se unicamente a realisar algumas medidas orçamentarias, deixando para mais tarde projectos politicos e administrativos.

Verdade é que Martinho se dirigia a uma assembléa em que as forças conservadoras não eram muito somenos ás liberaes. Contavam-se 47 membros daquelle partido contra 75 deste. Parecia que, livremente consultado, manifestara-se infenso o paiz a largas innovações, preferindo uma phase de recolhimento e moderação.

Como quer que seja, entrou desde cedo o ministerio a soffrer forte opposição nos corredores e na imprensa. Censuravam-lhe sobretudo as tendencias con-

servadoras, em antinomia com as antigas declarações liberrimas do seu chefe.

As principaes qualidades oratorias deste eram o sangue frio e o desembaraço. Nunca erguia a voz, mas conseguia ser perfeitamente ouvido, em virtude da calma com que articulava as phrases. Exprimia-se em diapasão familiar, tom de conversa, sem o menor artificio rhetorico. Repetia a miudo certas locuções. As palavras -- *perdoe-me V. Ex.* -- vinham-lhe aos labios, com a insistencia de um cacoete. Erecto na tribuna, a gesticulação sobria, sacudindo incessante a cabeça, virava-se rapido para o lado donde saham apartes que o avivavam, como esporadas a um ginete brioso. Desfechava replicas promptas, incisivas, de ordinario felizes.

Improvisava sempre e jamais revia notas tachygraphicas. Estylo incorrecto. sem plano, atravancados de digressões, os seus discursos, entretanto, se impunham á attenção pela naturalidade da dicção, pictoresco das imagens. graça esponta-

nea, imprevisto dos conceitos. Despertavam, não raro, *sympathica* hilaridade ; nunca deixavam de interessar. Juntaí a isso o aspecto original do orador, as inflexões agradáveis do seu dizer, a sua reputação de galhofeiro e desabusado, a sua habilidade em escamotear os pontos difíceis, a sua destreza em passar de um assumpto a outro, e em torcer as questões, a sua imperturbabilidade, as caprichosas ondulações do seu pensamento, que desnorteavam o adversario, os seus remoques celebres, a sua illibada probidade,— e tereis a explicação do seu incontestavel prestigio parlamentar.

No mais, usava de formulas em extremo polidas, mas reagia energico si o agrediam. Quando falava um antagonista, mirava-o ironico e resmungando.

Conversador emerito, muito affavel nas relações particulares, gostava de narrar anedotas da nossa chronica politica que chistosamente commentava, rindo-se ás vezes de si mesmo e apparentando

não ligar importancia á posição que atingira.

A sua bonhomia revela-a, entre outros, o seguinte facto: Servia como *sota* no seu *coupé* ministerial um moleque retinto trazido da fazenda de Cebolas, onde Martinho, escravocrata da gemma, qual se definira, era de proverbial brandura para os captivos. Um dia, começando a chover de rijo, o presidente do consellio mandou parar o carro, ordenando que o moleque descesse da boléa, afim de se não molhar, e se assentasse a seu lado.

Chamava o gabinete — *o meu collegio* — porque se compunha de homens muito novos então, — Rodolpho Dantas e Afonso Penna, sobretudo, — o primeiro com menos e o segundo com pouco mais de trinta annos. Appellidou tambem o gabinete — a canôa em que todos cabiam. Dahi a designação popular do seu ministerio — *a canôa do pai Martinho*. Quando uma moção de desconfiança o derrubou,

exclamou, sorrindo : « Tiraram-me o emprego ! »

Occorreu o carnaval durante o seu governo. Declarou elle que toleraria nos festejos carnavalescos qualquer allusão politica e mesmo pessoal, desde que respeitasse a decencia. Caricaturaram-n'o de mil modos, sem que elle se melindrasse. A banda de musica de uma das sociedades consagradas ao Deus Momo percorreu as ruas, a cavallo, no meio de geral hilaridade, arvorando cada um dos cavalleiros enorme capacete que representava, fazendo impagaveis caretas, a cabeça do chefe do ministerio !

Costumava dar conselhos, oriundos da sua vasta experiencia parlamentar.

Na occasião em que lhe fui apresentado, disse-me : « Cumpre que grave na memoria algumas recommendações, para fazer carreira como deputado.

As essenciaes são : *Primeira* : Andar sempre bem com o presidente da casa ; póde atacal-o, mas com geito ; nunca

briguem. *Segunda*: Aggredir o adversario de modo a não se tornar incompativel com elle ; o mundo e a politica dão immensas voltas ; convem deixar margem para possiveis reconciliações e alianças. *Tercera*: Occupar constantemente o seu lugar no recinto ; não se demorar em palestras pelos corredores ; evitam-se assim intrigas, não se externam cousas de que provenha arrependimento, nem se ouvem outras desagradaveis ; no recinto, está-se em publico ; tudo quanto se fala, repercute ; dali instinctivo cuidado, que se converte em habito e segunda natureza, na compostura, na correcção das attitudes. *Quarta*, finalmente : E' preciso que o novel deputado pratique um acto qualquer de energia, não perca oportunidade de provar que não engole desaforos, mas, ao contrario, sendo conveniente, sabe dizel-os. Sim, desaforo não se leva para casa. Repellido cabalmente o primeiro, está acabado : vive-se em harmonia, durante longo tempo, com todo o

mundo. Ao cabo de certo praso, porém, não é mau refrescar as memorias mostrando que a gente tambem é capaz de uma pequena mácreação. . .»

II

PARANAGUÁ

O marquez—naquella época visconde—de Paranaguá era apontado como typo aulico, devendo todas as honras e cargos a mero favor de Sua Magestade.

Durante o tempo em que elle occupou a presidencia do conselho, nenhum factó occorreu justificativo dessa ballela.

A unica demonstração publica de deferencia pessoal que o Imperador lhe concedeu foi assistir, acompanhado da Imperatriz e dos Condes d'Eu, ao consorcio da gentilissima filha do primeiro ministro com o conde de Barral, cuja illustre mãe prestara á educação das princezas inolvidaveis serviços. O caso, aliás, suscitou vivas censuras na imprensa.

Muito naturalmente ascendeu o marquez á chefia do governo. Já havia sido ministro varias vezes. Cerca de dois annos exercera a pasta da guerra, na phase mais melindrosa da campanha do Paraguay. Amigo intimo de Saraiva, auxiliara-o effizamente, como presidente da Bahia, em 1881, na realisação do programma eleitoral. Exonerando-se Saraiva, o Imperador chamara o marquez para organizar ministerio que continuasse a politica daquelle. Paranaguá excusou-se, sendo então chamado Martinho. Cahindo este, insistio o monarchia com o marquez, que aceitou.

Viveu perto de um anno o seu ministerio. — 3 de Julho de 1882 a 24 de Maio de 1883,— e não foi dos mais estereis. Na Camara, arcou com a escabrosa questão da revogação dos impostos inconstitucionaes estabelecidos pelas assembléas provinciaes, impostos que o gabinete mandou suspender. Nas férias parlamentares, graças á energia do ministro da guerra Carlos Affonso, reprimiu a insubordinação

do coronel Frias Villar que ia provocando conflicto com o exercito.

Desenrolou o marquez extenso plano de reformas, mas não conseguiu inicial-o. Tomou parte activa na discussão do orçamento da fazenda, na da fala do throno e em outras de politica geral. Bateu-se com os proceres da opposição — Andrade Figueira, Ferreira Vianna e Gomes de Castro. Ferreira Vianna, sobretudo, manejou contra elle as suas melhores armas, visando, acima do presidente do conselho, o Imperador

Sympathico e respeitavel no physico, sempre trajando de preto, a barba em collar, o bigode raspado, grave nos menores gestos, ameno para com todos, senhor de si, incapaz de se exaltar, medindo os acentos, calculando as palavras, Paranaguá dava mui correctamente o seu recado, desempenhava judicioso o seu papel.

Orava com mansidão, sem notavel fluencia, mas tambem sem embaraço visivel. Saia-se discretamente das refregas,

jámais compromettendo a dignidade do seu cargo. Quando lhe arguiram a sua deserção do partido conservador, defendeu-se com energia não destituida de eloquencia.

Despido das qualidades brilhantes que geram fanatismos, e, igualmente, odios ardentes, revelava um conjuncto de dotes assás apreciavel e raro. Não offuscava a ninguem, e ninguem, com justiça, taxaria de escandalosas as suas boas fortunas politicas. General, não despertaria o entusiasmo das tropas, nem as guiaria a feitos estrondosos, dos que dimana a gloria, mas as levaria por estradas seguras, cordato e circumspecto, preferindo armistícios e negociações conciliadoras a arriscadas batalhas campaes.

Prudencia, geito, discernimento das occasiões, *savoir-faire*, *savoir-vivre*, tomadas estas expressões no sentido favoravel, — eis os elementos dos seus triumphos.

III

LAFAYETTE

Custou a resolver-se a crise de que se originou o ministerio Lafayette. Houve mais de uma semana de incertezas e indecisões.

A situação não era clara. Pouco avultada a maioria liberal, bastava que della se destacasse pequeno contingente, para, unido á minoria conservadora, derrotar o ministerio. Succedeu isso com Martinho e Paranaguá. Antes de Lafayette, foram ouvidos varios estadistas, e convidados a organizar novo gabinete Saraiva, José Bonifacio e Dantas.

Curiosa a physionomia da Camara nesses dias de crise! No recinto, faltava o numero de deputados indispensavel para funcionar a assembléa. Fervilhavam as ante-salas e corredores. Quanto boato absurdo, quanta disparatada conjectura! Os susceptiveis de entrarem na combinação ministerial ou se mettiam em casa

à espera do chamado. ou vagavam de grupo em grupo, reservados, com ares mysteriosos, sorrisos importantes e olhares protectores. Outros andavam a intrigar pelas residencias dos chefes. Era uma anciedade, uma ebullicão geral ! Os incumbidos da organisação faziam-se de rogados; recusavam-se em começo. allegando molestia ou incapacidade; cediam, afinal. aos rogos instantes dos amigos, recebendo o poder, como um sacrificio!..

A preocupação dominante na maioria era que subisse o partido contrario, dissolvendo-se a Camara. De uma feita, esse receio attingio ás proporções de fazer alguém propor que a maioria endereçasse um abaixo assignado ao Imperador. hypothecando apoio a qualquer ministerio liberal que se formasse !

Produziu surpresa a nomeação de Lafayette. No seu discurso de apresentação, elle proprio se declarou homem novo em politica. sem autoridade e prestigio para chefe de gabinete. Administrara duas

provincias, Maranhão e Ceará. Distinguiu-se como jornalista; notabilisara-se como jurista. Tinha fama de homem erudito e espiituoso, palestrador adoravel. Em 1870, assignara o manifesto que aggreuiu o partido republicano. Recolhera-se, em seguida, á penumbra, parecendo dedicar-se exclusivamente a estudos juridicos. Mas, em 1878, ao inaugurar-se situação liberal, aceitara a pasta da justiça no ministerio Sinimbú. Dahi em diante, foi vertiginosa a sua carreira. Em pouco mais de cinco annos, viu-se ministro, deputado, senador, conselheiro de Estado, presidente do conselho, plenipotenciario no Chile. Demonstrou idoneidade sobeja para desempenhar todas essas commissões. Ao iniciar, porém, a presidencia do conselho causou impressão de desconfiança, suppondo-se geralmente que faria *fiasco*, segundo a expressão popular.

Angariou o respeito e a admiração da Camara, desde a enunciação do programma, effectuada com emoção, grande

facilidade de palavra, em estylo conciso, claro, elegante. Strabico, de oculos. cabeça poderosa, feições accentuadas e especiaes, Lafayette fórça a attenção de quem o encara, dando idéa immediata de uma personalidade fóra do vulgar. Vivacidade de modos, gesticulação insoffrida, maneira peculiar de se exprimir em tom cantante, extrema facundia, tudo o particularisa, tudo grava picante sainete em quanto faz ou diz.

Breve, se patentearam a sua illustração, o seu chiste, os seus recursos. Tornou-se temido da opposição que lhe moveu guerra inexoravel, rebatendo-a elle golpe por golpe. « A politica não tem entranhas » — doutrinava e praticava.

Inimitavel nas respostas ás interpeações que se multiplicaram contra o seu governo !

Como se sabe, nas interpeações, fixava o interpellante, por meio de perguntas, os pontos precisos sobre os quaes devia versar o discurso do ministro

interpellado. Lafayette, com inaudita habilidade e malícia, decompunha as interrogações, incutia-lhes sentido algo ridiculo, e redarguia em tres ou quatro phrases definitivas e cortantes, pondo o interpellante em lamentavel situação. Reminiscencias classicas, subtis allusões litterarias enfeitavam-lhe as curtas orações. Não se alongavam por mais de um quarto de hora. Verdadeiras joias parlamentares, esmeradamente buriladas, completas, impeccaveis. Não despertavam hilaridade ruidosa, mas finos sorrisos, abrindo impereciveis sulcos na intelligencia do auditorio. Eram modelos de atticismo, pela graça, ironia, simplicidade, ligeiresa na travação das idéas, agilidade no manejo dos argumentos, — num sereno fundo sceptico. E quanto veneno ás vezes distillavam ! Ficou celebre a resposta de Lafayette, á pergunta impertinente de um deputado : « A minha resposta póde parecer resposta de Sganarello, mas é : Póde ser que sim, póde ser que não ».

O decreto ordenando a conversão dos bens das ordens religiosas em apolices da divida publica, o assassinato de Apulcho de Castro, a questão servil que quotidianamente se avolumava, exigindo solução, e, sobretudo, a exoneração do ministro da guerra Rodrigues Junior, demittido por meio de uma carta do presidente do conselho em que este o accusava de tibio e hesitante na gestão da pasta, suscitaram violentas animosidades contra o gabinete Lafayette. Nas sessões de 1884, occorreram scenas tumultuosas. Uma vez, a opposição exasperada, abandonou o recinto, aos gritos, indo protestar na imprensa contra o encerramento previo de um debate

No dia em que Lafayette compareceu para assistir á discussão do orçamento da fazenda, acolheram-n'o impetuosas explosões de colera. O ex-ministro da guerra, ferido no seu melindre, intimou-o, livido, possesso, a manifestar os verdadeiros motivos da demissão. Secundou-lhe

vehementemente o desabafo a numerosa opposição, composta de conservadores e liberaes dissidentes, esbravejando ameaças e injurias contra o presidente do conselho. Levantou-se este, muito pallido, as narinas batendo, mas firme, deliberado, e disse fleugmaticamente que o seu collega sahira do ministerio pela simples razão de ter revelado absoluta inepecia. Declaração tão peremptoria e avessa ás precauções usuaes desconcertou os adversarios que, estupefactos, redobraram de furor. Sobre Lafayette impassivel cahiu uma chuva de doestos, no meio de insolita balburdia.

No dia seguinte, elle voltou, e, tomando desde logo a palavra, proferiu um dos mais interessantes discursos do meu tempo. Esse discurso lembra uma metralhadora, disparando, com rapidez incrível, innumerous projectis para todos os lados.

A cada um dos aggressores da vespera endereçou uma phrase contundente, dessas que pegam e deixam signal.

Velaram-se algumas allusões ferinas sob tão apurada forma que os pacientes só as apprehenderam após reflexão, reagindo tardia e grotescamente. Foi assim, relativamente a um deputado que se salientara no barulho, a qualificação de *companheiro do leão da fabula*. No momento elle não atinou com que *companheiro do leão da fabula* significava. Quando lh'o sopraram, ficou rubro, desatinado, tentando retaliar fóra de proposito, o que aggravou o comico da posição em que Lafayette o collocara.

Indiscriptivel o effeito causado por aquelle discurso, de que se citam até hoje pedaços inteiros! No terceiro dia, quando se esperava que recrudescesse o tom pessoal, pois a opposição procurara desforçar-se, Lafayette ergueu-se, e, tranquillamente, como se nada de anormal houvera passado, expendeu excellente exposição financeira, rica de dados estatisticos e preciosas informações. Os mesmos gritadores de d'antes o ouviram attentos. Muitos o applaudiram.

Em summa, si o gabinete Lafayette não realizou reformas, nem legou beneficios eminentes ao paiz, prestou ao menos um serviço, graças á forte individualidade do seu chefe: inseriu na trivialidade dos nossos annaes parlamentares alguns traços originaes e artisticos.

IV

DANTAS

Tambem só após grandes hesitações, organisou-se o ministerio Dantas. Ainda uma vez, o Imperador chamou Saraiva. Foram tambem ouvidos por Sua Magestade os Conselheiros Sinimbú e Affonso Celso, mais tarde Visconde de Ouro Preto. Dantas comprehendeu que a questão servil dominava quaesquer outras e o declarou ao Soberano, que, de accôrdo com elle nesse pensar, entregou-lhe o poder. Dantas resolveu, conforme disse repetidamente, intervir na questão afim de transportal-a da rua para o Parlamento.

O programma que adoptou quanto a ella, synthetisou-o no lemma: não parar, não retroceder, não precipitar.

Constituido o ministerio a 6 de Junho, a 15 de Julho offereceu, em nome do governo, o deputado Rodolpho Dantas, filho do presidente do conselho, um projecto consignando a localisação da propriedade servil, a ampliação do fundo de emancipação, a libertação incondicional dos escravos sexagenarios. Em 19 dias, Ruy Barbosa elaborou sobre esse projecto um parecer monumental, monographia completa, formando grosso volume, referente ao problema do escravismo.

Desde o começo, arcou o gabinete com violentas resistencias. A questão servil excitara os animos, trouxera a campo importantes interesses.

Destacaram-se da maioria liberal varios deputados que, unidos á opposição conservadora, moveram implacavel guerra ao ministerio. Entre esses liberaes dissidentes, assignalou-se o presidente da

Camara, Moreira de Barros, que, no dia da apresentação do projecto emancipador, deixou a cadeira presidencial, exonerando-se, para melhor atacar a situação.

Foi renhidissima a lucta. Aggrediam, alem dos ministros, a pessoa do Soberano, a quem attribuiam a nova feição do emancipacionismo. Posto em minoria na Camara, a 28 de Julho, apesar de por elle votarem conservadores abolicionistas, annunciou Dantas a dissolução da assembléa, afim de consultar o paiz sobre a politica adoptada. Mas a dissolução não se tornou effectiva desde logo: o Governo não tinha leis orçamentarias, e viu-se forçado a esperar, até Setembro, que se discutissem e votassem primeiro uma prerogativa dos orçamentos anteriores, depois os novos orçamentos.

Moções de desconfiança, interpellações, requerimentos de adiamento, longos discursos protelatorios, refregas de todo o genero, supportou o ministerio Dantas.

Nessas refregas, distinguu-se sobretudo o ministro da guerra Candido de Oliveira, alvo principal das investidas opposicionistas. Houve até, a proposito de uma emenda sobre contracto de gaz para o municipio neutro, uma sessão de fusão da Camara com o Senado, cousa que raramente succedia, sendo essa a 13ª vez, desde a promulgação da Constituição de 1824.

A 3 de Setembro, dissolveu-se de facto a Camara. Tiveram lugar as eleições a 1º de Dezembro, no meio de intensa agitação do espirito publico. Dantas contava a seu favor com os abolicionistas de todos os matizes, liberaes, conservadores, republicanos. Contra elle aggreuiou o escravismo seus mais fortes elementos. Na imprensa, batalha accesa, sem tregoa.

Apezar de accusado de entremetter-se no pleito, não alcançou Dantas triumpho nas urnas. Foi derrotado seu ministro de estrangeiros, Matta Machado, e o mais prestante de seus sustentadores, Ruy Barbosa. Dos escravocratas venceram os

mais graduados paladinos. Os republicanos mandaram pela primeira vez á Camara tres deputados: Campos Salles, Prudente de Moraes e Alvaro Botelho, os dois primeiros paulistas e mineiro o ultimo. Nos districtos em que se elegeram amigos do Governo, appareceram duplicatas, conforme plano previamente assentado de embaraçar por qualquer forma o gabinete.

As primeiras sessões da nova Camara, em Fevereiro de 1885, deram lugar a vehementes tumultos. Não se podia encetar regularmente os trabalhos. Só depois de longos dias e estereis porfias, entraram em transacção as facções antagonicas, começando a assembléa a funcionar. Dantas perdeu a eleição da mesa: os escravocratas colligados elegeram presidente a Moreira de Barros e vice-presidentes a Lourenço de Albuquerque, Antonio Prado e barão do Guahy todos infensos ao ministerio. Este ganhou apenas, e por poucos votos, a eleição de 1º secretario, cargo para que se designara o autor destas linhas.

Era anormalissima a situação do gabinete, com grande parte da mesa contraria a si. Nunca se vira no parlamento o facto de representar o presidente uma opinião e o 1º secretario outra, totalmente opposta. Dahi constantes attritos. O presidente, Moreira de Barros, activissimo, creava ao ministerio todos os possiveis estorvos. Prolongou-se este estado de cousas por tres mezes, até Maio, no meio de curiosas peripecias, votações empatadas, falta proposital de numero para as sessões, encarnicadas disputas na verificação dos poderes. Constituia questão de vida ou de morte o reconhecimento de um deputado porque as forças de lado a lado se contrabalançavam.

Ficaram impopulares os deputados opposicionistas ; viram-se desacatados pelo povo que apoiava entusiasticamente a Dantas. Debateu-se este com perseverança e coragem inauditas. Succumbiu afinal, numa moção de confiança na qual ficou em minoria de dois votos. em

consequencia da deserção de um dos seus adeptos, — apesar de votarem por elle os tres republicanos e dois conservadores. Tentou ainda dissolver de novo a Camara, mas, ao que consta, recusou-lhe o Imperador segunda consulta á nação. Dantas então demittiu-se, substituindo-o Saraiva, tantas vezes anteriormente convidado.

No correr de tão aspera campanha, manifestou Dantas elevados dotes parlamentares.

Consistia a sua principal qualidade em ser nimiamente flexivel e insinuante. Tivera a habilidade de se collocar a par de uma corrente sympathica da opinião. Desarmava pela polidez carinhosa das maneiras. A gente, mau grado seu, sentia-se colhida por elle. Amavel para com todos, tornou-se proverbial a sua facilidade em dar abraços. Inalteravel o seu bom modo que, entretanto, não excluia ás vezes certa energia, mais no tom do que no fundo.

Grande desembaraço de palavra, riqueza de synonymia, emphase natural,

Dantas diluía a idéa em numerosas e amplas phrases. Não cahia na trivialidade, mas a extrema abundancia levava-o de quando em quando ao lugar commum. Discutia bem, porém sem precisão. Muita presteza de assimilação, clareza na exposição, patriarchal, agradável, raro attingia a verdadeira eloquencia, mas orava com um calor communicativo e uma segurança que provocavam a attenção e o apoio. Falava horas a fio, sem denotar esforço ou fadiga. Uma vez, após longo discurso, numa sessão agitada, perdeu os sentidos, — prencios talvez da enfermidade que o levou. Quanto o injuriaram os adversarios por causa desse incidente !

Ninguem conversava com elle que não sahisse penhorado. Não faltava quem duvidasse da sua sinceridade, achando artificiaes as suas effusões. Era, porém, natural o seu desejo de contentar e servir. Não se lhe aponta um só acto de perfidia ou deslealdade. Nada havia de calculado nas suas maneiras dengosas e

envolventes. A benignidade e a bonhomia formavam a essência do seu caracter, affavel em extremo. Nunca fez mal a ninguém.

Baixo, grosso, oculos azues, voz cariciosa, inspirou dedicação a intelligencias superiores, como Nabuco, Patrocínio, Ruy Barbosa. Solido combatente, soffria sorrindo duros embates. Gostava dos *novos*, auxiliava-os, folgava com os seus triumphos. Sabia ser amigo. Nas relações particulares e na familia, era inexcedivel em delicadeza e meiguice. Apreciava as exterioridades e a popularidade, — incapaz de resistir a um impulso da multidão. Nisso satisfez as suas ambições: o seu ministerio alcançou calorosos applausos de rua; seu nome gozou algum tempo de genuino favor publico. Seu ar constante, era o de um pai de familia bonacheirão no meio dos seus.

Cabe a Dantas uma gloria incontestavel: foi o precursor da abolição total e semindemnisação do captiveiro. Affrontou

a reacção escravista; luctou e soffreu pela idéa da emancipação; conquistou galhardamente um lugar ao lado de Euzebio, Rio Branco e João Alfredo.

O ministerio Dantas, si não produziu fundos traços na administração publica, marca uma epoca de alvoroço salutar e fecundo. Não fraquejou: aceitou a porfia em todas as arenas, fez face a poderosos elementos confederados contra si, e, si os não venceu, nada poupou para os vencer, deixando-os mal feridos. Assignalou o periodo agudo da propaganda abolicionista, o assalto decisivo de que resultou o triumpho. A causa abolicionista muito deve á iniciativa, ao denodo de Dantas. Deu um passo definitivo sob o seu governo que incitou a vida nacional. Dantas não commandou as hostes que entraram na Terra da Promissão, mas approximou-se della, avistou-a de um alto, como Moysés do Monte Nebo, conscio de que contribuiu efficaçmente para a solução final, alcançada 3 annos mais tarde.

As magnas reformas abolicionistas referendaram-nas chefes conservadores, como os citados Euzebio, Rio Branco e João Alfredo. Dantas salvou com o seu projecto a dignidade do partido liberal que só á ultima hora se converteu em massa ao abolicionismo. Verdade é que em 1867, durante a guerra do Paraguay, o ministerio 3 de Agosto, presidido por Zacarias e de que faziam parte Dantas, Martim Francisco e Affonso Celso, inserira na fala do throno um periodo chamando a consideração das Camaras para o elemento servil, de modo *a serem attendidos os altos interesses ligados á emancipação*. Esse ministerio, alem de inestimaveis serviços de guerra, prestou o de destruir os ultimos vestigios do exclusivista regimen colonial, franqueando aos navios mercantes de todas as nações a navegação do Amazonas, de alguns dos seus affluentes e dos rios Tocantins e S. Francisco.

Em summa : si ser homem de Estado consiste no discernir e encarnar em

oportuno momento as generosas aspirações de um povo, confiando na justiça do futuro, e apressando, através formidáveis obices, a realização dessas aspirações, não se póde recusar a Dantas o glorioso titulo de estadista. Seu nome será sempre lembrado, ao se tratar da abolição do captiveiro no Brazil.

V

SARAIVA

Eis um dos nossos homens publicos mais famosos e de cuja personalidade ainda ninguem instituiu exame completo. Ha quem o denomine varão de Plutarcho. Talvez quem o estudar minuciosamente não adopte sem reservas essa denominação.

Nunca trocamos palavra, apesar de ser eu primeiro secretario da Camara quando elle exerceu pela segunda vez a presidencia do Conselho, de 6 de Maio a 20 de Agosto de 1885. Nesse periodo occorreu a morte de sua virtuosa esposa, o que lle

augmentou o habitual retrahimento. A Camara, — caso virgem no meu tempo— votou uma moção de pezar pelo obito, e nomeiou uma commissão para acompanhar o enterro.

Isso mostra o grande apreço em que Saraiva era tido.

Compareceu varias vezes ás sessões para discutir assumptos attinentes á sua pasta e o projecto sobre elemento servil que apresentou em substituição ao de Dantas, projecto que se converteu na lei de 28 de Setembro daquelle anno.

Presto testemunho de que Saraiva possuia o dom supremo, que, segundo Emilio Ollivier, « não é dado nem pelo estudo, nem pelo talento, nem pela vontade, — dom que nenhuma aprendizagem confere, e é o signal da predestinação á grandeza — o dom da autoridade. Sabia inspirar confiança e dedicações. Achavam tão natural que elle mandasse, que obedecer-lhe não diminuia a ninguém. Emfim, obteve da sorte o favor

sem o qual todos os dons de nada servem : foi feliz! »

Sim, Saraiva foi o chefe politico mais feliz dos ultimos trinta annos da monarchia. Nunca encontrou luctas ou difficuldades na carreira politica.

Tudo lhe sorria. As altas posições o requestavam. A situação liberal de 1878 a 1885 póde chamar-se a situação Saraiva. Em todos os ministerios, exerceu predominio. Foi chamado e instado em todas as erises de então, para organizar gabinete, não organisando porque não lhe aprouve. E fazia-se esperar, fazia-se rogar quando o governo lhe era offerecido : permanecia impassivel no seu engenho da Pojuca, com os olhos benevolos do paiz fixos na sua pessoa. Gozou, como ninguem, da confiança imperial.

O Imperador (e Saraiva disse se vangloriava) praticava docilmente o que elle queria. O seu partido o acatava e venerava em maximo grau. Os adversarios não cessavam de o elogiar, apontando-o

como exemplo, appellando para o seu criterio. Era o sabio Nestor, o Messias, respeitado sem excepção. Por conseguinte, si o Imperio, no derradeiro periodo, seguiu rumo errado e commetteu faltas, a maior responsabilidade cabe a Saraiva que podia ter orientado de modo diverso esse rumo e evitado taes faltas.

Mas donde provinha o indisputavel e extraordinario prestigio de Saraiva? Physicamente, era um bonito homem, alto, erecto, olhos azues, traços correctos, maneiras seccas, ar frio. Percebia-se que elle se julgava superior a todos, sentindo no fundo por todos certo desdem. Falava muito da sua honestidade, honestidade que os seus intimos viviam a apregoar em tom extatico e maravilhado. « Oh ! a honestidade de Saraiva ! Oh ! a probidade de Saraiva !... »

Com effeito, não soffria duvida tal probidade, característica, aliás, dos homens politicos do antigo regimen. Entretanto, nisso de probidade não se comprehendem

graus: ou alguém é probó, ou é improbo. Mais probó ou menos probó não se admitte perante a moralidade. A probidade é uma obrigação estricta; não constitue titulo, por si só, para elevar um homem ás culminancias sociaes e lhe grangear universal consideração. A probidade está para o espirito como a limpeza para o corpo. É simplesmente por andar aceiado, tomar banho e detestar sujidades, ninguem faz jus a governar os outros. Que se pensaria da mulher honrada que vivesse a annunciar a sua honradez, ou da donzella que alardeiasse a sua virgindade ?

Saraiva nunca se achou em situação que pudesse determinar duvidas a seu respeito. Sem filhos, sem parentes proximos, sem zelo partidario, com raros amigos intimos, provido de bens de fortuna, facil lhe era desafiar a calumnia. Seja como fôr, inspirava respeito e confiança inegalaveis. Possuia, pois, predicados especiaes, exercia magnetismo pessoal pouco vulgar. Bom senso, faro agudo das

ocasiões, arte em as aproveitar, idéas claras e praticas, confiança em si, conhecimento do meio em que vivia, prudencia, altivez, decisão, geito sob apparencias rudes, manha disfarçada em explosões de brutal franqueza, conferiam-lhe inquestionavel superioridade. Ave de vôo curto, mas sabendo bem onde pousar, era, ao que dizem, como o definia Tavares Bastos.

Desdenhava exhibir-se. Ao geito dos remadores, dava costas, ao alvo collimado, caminhando para elle. Ao envez de Dantas, não se esforçava por agradar, preferindo impor-se. Seguia as praticas orientaes : sabia esquivar-se, occultar-se, rodeiar-se de mysterio, o que dobrava a curiosidade e augmentava o interesse relativamente á sua pessoa.

Pouco illustrado, só lendo, ao que confessou, a *Revista dos Dois Mundos*, sem elevação de vistas, falava em tom de conversa, com a maior simplicidade e incorrecção. Por isso mesmo agradava, conseguindo o fim supremo da eloquencia — a

persuasão. Era ouvido com deferencia e prazer. Voltava-se todo para os adversarios, cujo applauso e adhesão buscava, mesmo em detrimento dos correligionarios. Mostrava certa habilidade em ferir o ponto essencial das questões, de um modo brusco e frisante, não despidido de originalidade. Dos seus discursos nenhum soffre a leitura, ou póde ser citado, apezar de só serem publicados após repetidas revisões de amigos. Não sobreviveu delles uma unica phrase impressionante. Locomotiva de carros vasilios, Saraiva arrastava após si extensa fila de politicos mediocres, mas devotados, que o acompanhava cegamente em todos os lances, emprestando-lhe aos actos e orações alcance sobrenatural e esposando-lhe não só as idéas, como os rancores e prevenções.

O projecto sobre elemento servil apresentado por Saraiva pouco differia na essencia do de Dantas. Como o deste, consignava o principio da liberdade sem indemnisação de escravos com certa

idade,— 65 annos. E o projecto de Dantas foi guerreadissimo pelos conservadores, alliados aos liberaes dissidentes, emquanto o de Saraiva mereceu, mais que a condescendencia, o assentimento desses mesmos opposicionistas. Cousas de sympathya, de sorte, de mysteriosas e inexplicaveis instigações. Saraiva *calhava*, como se diz em Portugal.

O seu programma, ao comparecer elle á Camara, na sessão de 11 de Maio de 1885, leu-o num pequeno e amarrotado pedaço de papel. Consistia em curtas e vagas promessas de resolver os problemas financeiro e servil. Por encanto, cessou a agitação produzida por Dantas. Andrade Figueira assegurou ao novo gabinete a complacencia dos conservadores. Lourenço de Albuquerque o saudou, em nome dos ex-dissidentes liberaes. Saraiva, em seguida, pediu um armisticio aos partidos para se decidir a questão servil. Não collocava essa questão no terreno politico, mas a considerava *questão aberta*,

rogando aos conservadores que collaborem com elle no preparo da respectiva lei. Não ligava importancia ao meio porque passasse a reforma, o essencial era que passasse. A 12, foi apresentado o projecto, cuja discussão brevemente se iniciou e correu calma. Saraiva tomou parte activa no debate.

Mas, quasi no fim da sessão, foi eleito inopinadamente deputado Joaquim Nabuco, representante do abolicionismo radical e intransigente. Com a entrada de Nabuco, ganharam as discussões mais calor. Manifestaram-se em opposição Bezerra Cavalcanti, José Marianno e outros. Habitudo a não ser contrariado, Saraiva impacientou-se. Diante da sua attitude algo arrogante, excitaram-se, excederam-se os animos. Houve discursos tempestuosos, suspensões de sessão. José Marianno, sobretudo, tratou o presidente do Conselho, com bastante aspereza.

Saraiva havia declarado que só se retiraria, em virtude de um voto positivo

da Camara de que não confiava nelle para resolver o problema servil.

Sem embargo, inexplicavel e inesperadamente, quando o projecto ainda não se achava definitivamente approvado na Camara, dirigiu uma carta ao Imperador apresentando a exoneração do ministerio, baseiando o seu procedimento em inanes razões. Nem quiz aconselhar o monarcha sobre a crise assim aberta, nem indicar successor. Ouvido pelo Imperador o presidente da Camara, Padua Fleury, e o do Senado, Cotegipe, tentou-se ainda uma reorganização liberal, presidida por Paranaгуá. Recusando-se Paranaгуá, amigo intimo de Saraiva e seu collega no gabinete demissionario, foi chamado Cotegipe que constituiu o ministerio de 20 de Agosto. Ascenderam dest'arte ao poder os conservadores, findando-se a situação liberal, inaugurada por Sinimbú em 1878, a qual em 7 annos tivera 7 ministerios.

Macaulay, nos seus *Ensaios Historicos e Biographicos* analysa um curioso typo

de estadista inglez — William Temple. Temple, diz o grande escriptor, é um desses homens que o mundo está costumado a louvar, sem os conhecer bem, e que mais perderiam do que ganhariam com um exame minudencioso. Sem o menor espirito de sacrificio, moderado, frio, integro, não trahiou, nem opprimiu o seu paiz, mas nunca se arriscou por elle. Evitou, não raro, os altos cargos do Estado, com precauções quasi pusilanimas. Em havendo perigo, retirava-se. A feição de Luiz XIV, só marchava para os assedios, quando seus officiaes declaravam certa a victoria, afim de não comprometter a dignidade regia. Surgia, então, de capacete e sceptro, frequentava as barracas, presidia aos conselhos, dictava as capitulações, recebia as chaves das cidades vencidas, e regressava a Versailles, onde se lhe dizia que só a elle cabia sempre a infallivel gloria do triumpho. Essa infallibilidade de alguns estadistas, provem apenas do receio extremo das responsabilidades.

Antes abandonar o paiz ao embaraço do que se collocarem elles em embaraço! E' a sagacidade de se distinguir sem passar por perigos. Temple nunca praticou acção merecedora de censura categorica, mas devia se esperar mais de um homem dotado de tantas qualidades e elevado a tão grande situação. Desfructou todas as vantagens da politica, livre sempre dos seus aborrecimentos. Recuava no cumprimento de seus deveres, desde que se tornavam arduos ou desagradaveis, isto é, desde que importava cumpril-os com resolução. Era ambicioso, mas adoptava por principio procurar, antes de tudo, o bem estar e a seguridade de sua pessoa.

Não gostava de assumir posições nítidas, nem de incorrer em censuras, nem de criar invejas. Amigo morno, incapaz de incommodo, esforço ou sacrificio, queria gozar o que possuia, deixando o mundo se arranjar como pudesse. As suas recusas do poder derivavam mais de sua repugnancia ao obstaculo e ao perigo, do

que de escrupulos de honra e de consciencia. Ante a revolução, mostrou-se neutro, transferindo ao novo regimen a fidelidade languida que o animava no antigo. Retirado, poucos o visitavam; apenas alguns fleis e alguns curiosos caminhavam 30 millas para o vêr. Nunca ultrapassava a superficie de uma questão, pois, não era pensador, porém simplesmente provido de entendimento vivo e observador.

Afeito a cuidados respeitosos, irritada a susceptibilidade por annos de retrahimento e lisonja, nimiamente egoista, mas prudente e avisado nesse egoismo, sabia melhor que a maioria dos homens o que realmente queria achar na vida e procurava conseguir o que queria com intelligencia pouco ordinaria. Temia mais naufragar do que ambicionava triumphar. Em ultima analyse, conclue Macaulay, não compete a Temple na historia lugar muito alto. Homens de Estado que commetteram graves faltas, merecem mais estima e respeito do que esse infallivel e feliz.

Saraiva arguido de um feita por não ter tomado certa resolução opportuna respondeu : « a medida era boa, mas arriscada ; não a puz em pratica porque si acertasse, ninguem me agradecia, e si errasse todos me cahiam em cima. » Nesta resposta se synthetisa a sua philosophia politica. Tinha, pois, varias affinidades com William Temple. Applicam-se-lhe não todas, porém varias das apreciações que sobre o estadista inglez colhemos em Macaulay.

VI

COTEGIPE

Eu não conhecia Cotegipe sinão atravez a legenda que delle haviam formado os liberaes em opposição : leviano, sarcastico, habilidoso. Cahira mal, em 1877, no ministerio Caxias, sob o peso de uma aliás calumniosa accusação que affectava o seu escrupulo de homem particular : a questão das *popelines*. Quem hoje lê desprevidamente os debates sobre o assumpto,

ha de reconhecer que Cotegipe defendeu-se com a maior dignidade e de modo completo da mais injusta e odiosa das aggressões. Na epoca, o incidente fôra explorado largamente pelos adversarios do famoso chefe conservador

Eil-o, menos de oito annos depois, que volta á tona, não como simples ministro, mas occupando a presidencia do Conselho! Na sessão em que se apresentou, 24 de Agosto de 1885, parecia a principio, hesitante e timorato, diante da algazarra da maioria liberal para quem fôra dolorosa surpresa a mudança da situação politica. Assaltado de interrupções, dirigindo-se a um auditorio quasi todo hostil que procurava perturbal-o, arrancar-lhe declarações inconvenientes, prejudical-o de qualquer maneira. Cotegipe breve recuperou o sangue frio, manifestando os dotes principaes do seu raro espirito: calma, graça, promptidão de replicas felizes, lucidez, sobriedade e força de dialectica, alto descortino.

Absolutamente senhor de si na tribuna, só dizia o que calculara dizer. sem uma phrase de mais ou de menos, um termo descabido, uma entonação impropria, se bem recorresse, ás vezes, a linguagem um tanto chula.

Construia vagarosamente os periodos, nunca se precipitando, pesquisando e achando as locuções adequadas, supprindo, não raro, as palavras por um gesto ou um meneio de cabeça expressivo e caracteristico. Segurava um lapis entre dois dedos, consultava um documento, servia-se do lenço, manejava a luneta, com inexcedivel donaire, lembrando os galantes ademanes dos apurados marquezes no velho regimen. O modo de limpar a luneta, assestal-a sobre o nariz, fitar, em seguida, demoradamente o contendor, constituia por si só desconcertante resposta.

Baixo, magro, pequeno, ladino, a exhalar malicia e ironia por todos os traços, tinha um perpetuo ar de troça, de *moleque*, como vulgarmente se diz.

« Cotegeipe, que finorio! » era a exclamação que de ordinario suscitava.

Sem a volubilidade de Martinho, a circumspecção burocratica de Paranaguá, a affabilidade vivaz de Dantas, a mordacidade de Lafayette, a altaneria de Saraiva, parecia estar sempre a debicar o proximo, despertando, entretanto, confiança e sympathy. Quando elle assomava á tribuna, ficava-se na espera de alguma cousa galhofeira e imprevista, de forma que desde logo captava a attenção.

Delicadas as maneiras, embora eivadas de leve desdem aristocratico. No modo de haver-se, de se exprimir, no todo, recordava Talleyrand, mas um Talleyrand honesto, incapaz de perfidias e traições. O seu grande desembaraço, a sua naturalidade, os seus recursos oratorios, o seu talento de tratar gravemente os assumptos frivolos e ligeiramente os assumptos graves tornavam-lhe os discursos summamente apraziveis. Primava pela clareza, simplicidade de forma e bom

senso dos conceitos a sua argumentação elegante, agil, fluida. Prendia tanto como a sua palavra a sua figura, de solerte fealdade.

A' similhaça de Martinho, não tomava notas, emquanto falava o adversario: mas, em voz baixa, resmungava remoques, ouvidos das pessoas mais proximas, ou, então, encarava de fito o orador a quem ia responder, entre-abertos os labios delgados em enigmatico sorriso. Erguia-se preguiçosamente, ao lhe tocar a vez, e, guiado apenas pela memoria, tocava em todos os pontos do discurso antecedente, só omittindo aquillo que lhe convinha omittir. Não aggreedia; fazia a guerra *en dentelles*, capaz, todavia, de actos de arrojo e de golpes mortaes.

Finamente sceptico, dotado de notavel facilidade de assimilação, aceitando as cousas quaes ellas se apresentam, sem tentar modifical-as ao sabor das suas pretenções, buscando em tudo o lado ameno e divertido, destro no meneio dos homens,

arteiro, sagaz, escolhendo no ministerio de 20 de Agosto a pasta de estrangeiros, escolheu aquella para que possuia, na realidade, maiores disposições. Era essencialmente um diplomata, equilibrando-se airoso no meio de intrincadas negociações, sorrindo faceto nas situações mais inquietantes, cheio de *sous-entendus* e mesmo de ronha e maldade.

Nada disso excluia notavel intuição politica. Emittia sentenças agudas, juizos propheticos, muitos confirmados pelos acontecimentos. O seu discurso, no Senado, a 12 de Maio de 1888, vespera da lei abolicionista, é um modelo de penetração e clarividencia. Quanto vaticinio desse nobre e corajoso discurso não se effectuou !

Profundamente versado no systema e na historia parlamentares, eselarecia frequentemente o debate com opportunas citações. Interessantissima a sua conversação. — fecunda em anedotas, observações chistosas, juizos seguros !

A falta apparente de gravidade não diminuia o respeito que elle inspirava, tamanhas a sua dignidade e superioridade! Não permittia familiaridades descabidas: sabia pôr delicadamente cada um no seu lugar.

Governou mais de dois annos com socego, e, em geral, com felicidade. Sob a sua direcção, promulgaram-se as relevantes medidas financeiras de Francisco Belisario, ministro da fazenda no gabinete por elle presidido. Não houve, durante esse periodo, nenhum escandaloso conflicto parlamentar. O erro capital da sua administração consistiu em querer oppor-se á torrente abolicionista que quotidianamente se avolumava, e, áfinal, aso-berbou todas as resistencias.

Numa cousa Cotegipe mostrava-se intransigente, elevando o tom ao se tratar della: a honra e a grandeza da Patria. Como plenipotenciario no Paraguay, logo após a terminação da guerra, revelou decisão e energia consideraveis. Não admittia

que outro povo disputasse primazia ao Brazil no continente sul americano. Irritavam-n'o sobretudo as velleidades argentinas. No litigio de Missões, em que nos coube victoria cabal, graças ao laudó do presidente Cleveland, em virtude do tratado de arbitramento de 7 de Setembro de 1889, firmado pelo ministerio Ouro Preto, — CotePIPE prestou inolvidaveis serviços, sempre alerta, proclamando e defendendo constantemente o direito e os interesses nacionaes. Era um ardente e prestante patriota.

Attribue-se-lhe até hoje muito proverbio parlamentar, muito dito picante. Nem tudo lhe pertence, mas só aos ricos se costuma emprestar. O facto prova que a sua figura dicaz persiste na imaginação publica. Consta que, ao convidar João Alfredo para organizar o ministerio encarregado de solver o problema servil, dissera a Princeza Imperial Regente a CotePIPE demissionario: « Então, ganhei ou não ?... » — O experimentado estadista

retorquira: «Vossa Alteza ganhou a partida, mas perdeu o throno.»

Cotegipe teve a morte de accordo com a linha geral de sua vida. Ao sahir do banho, sem accusar dôr alguma, emquanto um criado lhe atava o cordão da ceroula, de subito descahiu-lhe o corpo; expirou. E' o que os gregos chamavam *euthanasia*, — a boa e doce morte, a dos amados pelos deuses. Julio Cezar assim a queria — *repentinam atque inopinatam*.

VII

JOÃO ALFREDO

Foi o homem publico que durante mais tempo seguidamente occupou o cargo de ministro de Estado em nosso paiz,—cerca de 5 annos, de 29 de Setembro de 1870 a 25 de Junho de 1875. Sua longa gestão assignalou-se por numerosos e relevantes actos e melhoramentos, — criação da repartição de estatistica, questão religiosa,

fundação de grande numero de escolas primarias, reforma do ensino superior, primeiro recenseamento regular da população do Imperio, e muitos outros.

João Alfredo grangeara fama de energico, tenaz, astuto, excellente arregimentador, sabendo, como poucos, fazer e dirigir partidarios. Os seus desaffectedos imputavam-lhe vistas curtas, genio ranco-roso e vingativo. Eram injustos. Os factos mostraram que na generosidade está um dos traços salientes do caracter de João Alfredo.

Tornou-se celebre o modo como regeu a maioria, no correr das discussões da primeira lei sobre o elemento servil, a de 28 de Setembro de 1871, cuja adopção deve-se em magna parte ao seu esforço. Asseveravam que lhe fallecia capacidade oratoria. José de Alencar, ao que se narra, designava as raras arengas de João Alfredo como pertencendo a genero indefinido, — grandes de mais para apartes, pequenas de mais para discursos. Silveira

Martins o designava como membro da Academia dos silenciosos da Persia.

O certo é que João Alfredo gozava de vasto e verdadeiro prestigio. Avultado numero de homens intelligentes o escutava e seguia. Rosa e Silva, o actual vice-presidente da Republica, militava entre os seus soldados. A reserva que guardava, o proprio retrahimento da tribuna augmentavam-lhe a autoridade. Viviam os adversarios a interpretar-lhe os menores gestos, a decifrar-lhe as intenções. Apesar do seu mutismo, era um dos chefes consagrados, com quem mais se preocupava a opinião.

E' verdade que, a par desse mutismo de tribuna. sem duvida calculado, João Alfredo recebia muitas visitas, viajava, apparecia nos lugares publicos, acompanhava com attenção e assiduidade os debates, mostrava-se nas conversações conhecido de todos os negocios do Estado. E assim se fazia constantemente lembrado, sem emittir opinião em publico, sem se comprometter.

Os altos assumptos em que intervierá, a amizade que o ligara a Rio Branco, as obras effectuadas durante o seu ministerio encareciam-lhe a importancia, realçada pelo mysterio de que elle se cercava. Nos ultimos annos do Imperio, elevára-se a notavel situação, ponderosa e incontestada. « Uma força reservada para solemnes emergencias, » eis a idéa que o seu nome evocava. Que seria, na verdade, esse personagem pequeno, feições acabocladadas, (descende realmente de um cacique aborigene) physionomia quasi sempre fechada, como que carregada de austeros pensamentos, e cujo mesmo sorriso parecia impregnado de graves cogitações?

A 7 de Março de 1888, retirou-se o gabinete Cotegipe. — ostensivamente em consequencia do conflicto entre a policia e a armada, proveniente da prisão arbitraria de um official de marinha reformado, — verdadeiramente não lhe ser mais possível resistir á propaganda abolicionista victoriosa em todo o Brazil. João Alfredo

regeitara entrar para esse gabinete, mas exercera, sob elle, com felicidade, o cargo de presidente de S. Paulo. Convidado a substituir Cotegipe, organisou a 10 de Março seu esperado ministerio. Chegara o momento de vel-o em acção.

Na organização, manifestou habilitade, chamando a si dois dos mais eminentes sustentaculos de Paulino de Souza, seu emulo, — Ferreira Vianna e Thomaz Coelho, — bem como um dos melhores auxiliares de Cotegipe, Rodrigo Silva que passou do ministerio demissionario para o novo.

Até Maio, nada praticou de consideravel o gabinete 10 de Março, porém não amorteceu, antes augmentou, a confiança do abolicionismo, cujo movimento triumphal recrudescia de hora em hora. Comquanto fosse convicção geral que João Alfredo proporia a abolição immediata e incondicional, á vista da pressão exercida de todos lados, — pois os principaes interessados, os captivos, haviam tomado

a palavra, effectuando o exodo em massa das fazendas, e a força publica se recusava a lhes embargar o passo, — todavia terminiam-se hesitações, meias medidas, transigencias com o elemento escravagista.

Abriu-se a Assembléa Geral. Aguardava-se com impaciencia a apresentação do gabinete. A fala do throno, lida pela Princeza Imperial Regente, manifestara eloquentemente as intenções governamentaes, satisfazendo os mais insoffridos. Subsistia a anciedade em ouvir João Alfredo, calado havia tanto tempo. Careceria realmente de dotes oratorios ?

A 10 de Maio, ergueu-se elle na Camara, para expôr o seu programma, no meio de solemne silencio e ingente espectação. Extraordinario o effeito do seu breve discurso, que provocou em varios topicos delirantes acclamações. Discurso sobrio, preciso, magistral ! Nós, os da opposição, ficámos attonitos. « E' o assumpto que o inspira — explicavamos. — A idéa abolicionista dá calor e brilho

aos mais mediocres. O presidente do Conselho não deve ser julgado só por essa curta oração. Esperem os amplos debates em que haja de medir-se com parlamentares de pulso.»

E os amplos debates vieram, violentos, azedos, implacaveis. João Alfredo arcou com os mais destemidos campeões liberaes e da dissidencia conservadora, com Gomes de Castro e Lafayette, entre outros. Durante a sessão legislativa de 1888, coagiram-n'o a occupar repetidamente a tribuna, tratando das mais variadas materias, rebatendo, quasi sempre de improviso, acres e porfiadas investidas.

Não o poupavam. A abolição acirrara os escravocratas, exacerbados pelas demonstrações ruidosas dos vencedores. E João Alfredo bateu-se com galhardia, sahiu-se bizarramente de todas as conjuncturas.

Via-se que não falava de bom grado, mas cedia á necessidade de falar, deixando de o fazer, sempre que podia.

Dir-se-hia medroso de se exhibir. Uma vez na tribuna, o orador se patenteava. Voz firme, cheia, severa, gesticulação discreta, tom cortez, embora um pouco dogmatico, linguagem correcta, mesmo com certa preocupação de classicismo, citações adequadas de factos historicos, concisão, nitidez,—tudo o collocava na categoria dos mais abalizados parlamentares.

Mas, é tal a força das reputações estabelecidas e dos juizos preconcebidos, que ninguem, naquella epoca, se atrevia a confessar a superioridade oratoria de João Alfredo. Contestavam-n'a, censurando, pretendendo amesquinhar a forma e o fundo de seus excellentes discursos. Muitos se retiravam adrede para o não ouvir, declarando não valer a pena escutar banalidades.

A verdade é que na Camara o chefe do gabinete 10 de Março affrontou triumphalmente todas as refregas. Atacado no seu melindre pessoal, defendeu-se com sobranceira dignidade. O que ninguem lhe

negava era o dom de exercer influencia sobre os que o cercavam. Seus modos sentenciosos e frios, longe de lhe afugentar, criavam-lhe e afervoravam-lhe affeições. Havia quem o plagiasse, tentando imitar-lhe os ares nebulosos e o estylo oratorio.

Si João Alfredo commetteu erros, tem um nome indisputavelmente glorioso, pois se acha ligado ás duas leis emancipadoras, — 28 de Setembro de 1871 e 13 de Maio de 1888. A lembrança de taes erros se apagará, permanecendo e avultando a de que sob seu governo se extinguiu a escravidão. Presidente de provincia, ministro, presidente do Conselho, senador, conselheiro de Estado, deixou em toda parte vestigios da sua passagem, e, si pouco falou, muito agiu. Possuia uma qualidade rara em politicos : sabia calar-se, adquirindo assim maior nomeada do que a de varios que se esbofavam nas discussões. Na vida parlamentar, nem sempre falar a miude constitue o mais acertado methodo. A fama, em politica, como em tudo, não a ganha

quem a quer, mas quem a merece. O prestigio provem de um dom innato, de um magnetismo inescrutavel.

João Alfredo, muito lido em historia e biographias de grandes homens, inspirava-se, de certo, relativamente ao procedimento parlamentar, numas apreciações de Cornelis de Witt a respeito de Washington (*Historia de Washington — Cap. II, in fine*).

Washington, narra aquelle escriptor, influiu decisivamente sobre a assembléa dos burguezes da Virginia, onde teve assento durante 15 annos, mas tranquillamente, sem ruido, pela unica autoridade do seu criterio, da sua experiencia, e do seu caracter. Orando pouco, não intervindo nos debates tempestuosos ou pessoaes, mas sempre prompto a manifestar claramente seu modo de pensar nas questões vitaes, actuava no espirito dos homens menos pela arte com que sustentava suas opiniões do que pela confiança que desperjavam sua firmeza e rectidão. Pode-se julgar do que elle praticava pelos conselhos

que deu a um seu sobrinho, quando este entrou pela primeira vez na assembléa: si desejaes obter a attenção do auditorio, falai raramente e só sobre assumptos relevantes, excepto em se tratando de negocios que interessem de perto vossos committentes. No primeiro caso, procurai conhecer a fundo a materia, tornando-vos senhor della; não vades jamais além de certo calor conveniente; expõe vosso parecer com modestia. Posto que logre acarretar convicções, o tom imperioso fére sempre.

VIII

VISCONDE DE OURO PRETO

O Visconde de Ouro Preto, que succedeu a João Alfredo, organisando o ministerio de 7 de Junho de 1889, só uma vez compareceu á Camara no meu tempo: a 11 d'aquelle mez, para apresentar o gabinete.

Pronunciou então dois discursos, o primeiro enunciando o seu programma de

largas reformas, o segundo retorquindo aos vehementes oradores que o atacaram, dois dos quaes se declararam republicanos. O padre João Manoel, um delles, terminou a sua calorosa profissão de fé com o grito de — *Viva a Republica!* — nunca ouvido no Parlamento. Imagine-se a agitação produzida!

O Visconde de Ouro Preto, no dizer de seus proprios inimigos, esteve na altura das tremendas responsabilidades que aceitara. No seu discurso de replica, fremente de indignação, inflammado de patriotica bravura, lampejou a mais alta eloquencia. Dominou o auditorio, na maioria infenso, arrancou-lhe aclamações, impoz-se.

Ao viva sedicioso e applaudidissimo de João Manoel, ergueu-se impetuosamente e com energia, conforme rezam os *Annals*, exclamando: «Viva a Republica, não! Não. e não: pois é sob a monarchia que temos obtido a liberdade que outros paizes nos invejam, e podemos mantel-a

em amplitude sufficiente para satisfazer o povo mais brioso ! Viva a monarchia ! — que é a forma de governo que a immensa maioria da nação abraça, e a unica que pode fazer a sua felicidade e a sua grandeza ! Sim ! Viva a monarchia brasileira, tão democratica, tão abnegada, tão patriotica que seria a primeira a conformar-se com os votos da nação, e a não lhe oppor o menor obstaculo, si ella pelos seus orgãos competentes, manifestasse o desejo de mudar de instituições ! »

Estas palavras, segundo ainda os *Annaes*, levantaram applausos enthusasticos e prolongados, no recinto e nas galerias, e grandes demonstrações de adhesão, abafando por momentos a voz do orador.

O Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, que assistiu a esse memoravel debate, um dos mais valiosos e ardentés do parlamentarismo brasileiro, declarou, após o discurso do Visconde de Ouro Preto : « Acabo de ter idéa do que foi uma sessão na Convenção Franceza ! »

VII

Os presidentes da camara

De nenhum dos doze deputados que dirigiram a Camara, no periodo de que me occupo, póde dizer-se com justiça que houvesse sido mau presidente, indigno de tão alta funcção. Houve uns mais energeticos, mais espirituosos, mais flexiveis, mais maneirosos, mais conhecedores do regimento do que outros. Desempenhavam todos discretamente sua missão, correspondendo á confiança dos seus pares. Sobretudo, procuravam zelar os direitos da opposição, attenuando, quanto possível, as imposições da maioria, procedendo, em geral, com imparcialidade. Os opposicionistas entendiam-se directa e familiarmente com elles. Nos mais calorosos debates, a autoridade delles foi

sempre acatada. Nunca se lhes faltou ao respeito, nem elles jamais faltaram ao decóro.

Considerado um oitavo ministro, o presidente da Camara sahia dalli ordinariamente para o governo ou para o Senado. Nos ultimos tempos da monarchia, estabelecera-se a praxe de ser elle consultado nas mudanças ministeriaes. O imperador mandava chamal-o, afim de o ouvir sobre a crise pronunciada.

Logo que um deputado era eleito presidente, tirava-se-lhe o retrato para uma longa e curiosa galeria existente no grande salão proximo ao das sessões. Essa galeria notavel e insubstituivel, formada desde a Constituinte de 1823, dispersou-se por occasião do advento da Republica, ou ao se mudarem as Camaras do paço da rua da Misericordia para a Quinta de S. Christovão, onde funcionaram algum tempo. Não se sabe que fim levou a preciosa collecção, organizada com paciencia e trabalho, durante mais de 60 annos.

Em época pouco anterior á minha entrada no Parlamento, o presidente regia os trabalhos solememente, de casaca, como em França. Não mais se usava, em 1881, esse traje de cerimonia, mas o presidente, bem como os deputados, observavam austera compostura no vestuario, commummente preto ou escuro. Nenhum se atrevia a ostentar roupas claras ou ajanotadas, gravatas vistosas, flores ao peito, o que, aliás, se pratica na Inglaterra e nos Estados Unidos. A mesa presidencial achava-se collocada sobre eminente estrado, em face das bancadas em hemicyclo, debaixo de magestoso docel, semelhante ao de um throno. Dahi o presidente dominava a assembléa.

Os doze presidentes a que me referi foram : Martinho Campos, Martim Francisco, Ferreira de Moura, Lima Duarte, Moreira de Barros, Alves de Araujo, Franklin Doria, André Fleury, Andrade Figueira, Gomes de Castro, Barão de Lucena e Carlos Affonso. Este ultimo só

serviu nas sessões preparatorias da legislatura extraordinaria de 1889 dissolvida pelo levante militar, isto é, de 3 a 14 de Novembro. Martinho Campos presidiu tambem por pouco tempo, menos de um mez, em sessões preparatorias. Nenhum debate renhido se travou sob a sua direcção. O mesmo succedeu com Martim Francisco.

Moura presidia timoratamente, receioso de desagradar e de ser obrigado a falar, pois não era orador. Lima Duarte, de cujo character a bondade constituia a feição primordial, presidia paternalmente, com excessiva simplicidade. Todos o estimavam, e rendiam preito ás suas delicadas prendas de coração, ao seu trato lhano, á sua pachorra inalteravel.

Estatura agigantada, ampla barba, nariz recurvo, no todo muito parecido com a imagem de Henrique IV, fazia bella figura na poltrona presidencial. A sua intervenção nos debates revestia quasi sempre a fórma de pedido. Era

obedeçido mais por uma concessão á sua doçura do que pelo reconhecimento da sua autoridade.

Eis, entre muitos, um traço da sua singeleza: como estivesse com os pés inchados, mandou pregar nas bordas da vasta mesa presidencial um largo panno de seda pendente até ao chão. Ficava assim occulta a parte inferior do corpo do presidente e do dos seus secretarios. Lima Duarte abria a sessão; depois, disfarçadamente, descalçava as botinas, enfiava chinellos, e permanecia dess arte até ao fim, encaminhando os importantes assumptos controvertidos, enquanto seu possante busto emergia da mesa, campeando tranquillo e correcto.

Moreira de Barros, pequeno, vivaz, azougado, não ficava quieto um momento, interrompendo frequentemente os oradores, chamando-os ao cumprimento das disposições regimentaes, descendo, a miudo, da presidencia, para envolver-se na discussão. Conhecia o regimento a fundo,

dava longas explicações das decisões mais insignificantes, intercalando pequenos discursos nos discursos dos outros. Summamente esperto, prompto nas réplicas, melindroso, muito cioso da sua importancia, tinha em elevada conta as funções que exercia, não permittindo a minima cousa susceptivel de parecer deprecial-as. Energico, presidiu sessões borrascosas, — em que o publico atulhava as galerias e o recinto, agglomerando-se fóra, nos corredores do edificio, — quaes as do projecto emancipador do ministério Dantas. Impedia manifestações do auditorio que o respeitava e temia.

Escravocrata, tornou-se muito impopular. Uma vez, ao sahir elle da Camara, acompanhou-o grande mó de gente, em attitude hostil, quasi aggressiva. Moreira de Barros, com extraordinaria calma, seguiu a pé, lentamente, o caminho costumado, impassivel ante alguns gritos offensivos soltados pela multidão que, afinal, se dispersou em paz, refreada pelo

sangue frio do presidente. Haviam-lhe proposto, ante o perigo que o ameaçava, retirar-se ás escondidas por uma porta escusa. Moreira de Barros recusou, indignado : « O presidente da Camara, — exclamara, — só sae pela porta principal » .

Achava-se elle então em activa opposição ao ministerio Dantas, e, sem embargo, permanecia na presidencia, em radical divergencia com o seu primeiro secretario, — que era eu, — situação original de que já tratei. Imaginem-se os conflictos havidos, dos quaes, todavia, não resultou quebra das nossas relações pessoas. Moreira de Barros foi o typo do presidente vibrante, expedito, fogoso, em contraste com o fleugmatico e bonacheirão Lima Duarte.

Alves de Araujo preencheu o cargo regularmente, mas sem relevo .

Franklin Doria foi reportado, grave e meticoloso. Friamente polido para com todos, erecto, cumpridor minudencioso de deveres, o seu ar irritava certos

adversarios que injustamente o assetavam de doestos e provocações. Na sua postura, predominou sempre serena hombridade. Tantas e tão furiosas demonstrações de desagrado por parte da minoria occorreram sob a sua presidencia, que, fatigado, elle pediu e obteve exoneração. A Camara determinou então, a requerimento de Cesar Zama, que se consignasse na acta do dia um voto de louvor ao demissionario pelo modo como exerceu a presidencia, — facta unico no meu tempo.

André Fleury, como Alves de Araujo e Moura, não se assignalou de modo particular.

Andrade Figueira, austero cumpridor do regimento nos seus mais esquecidos artigos, mostrou-se duro, inflexivel e imparcial. Na cadeira de presidente, desappareceu o extremado partidario, substituindo-o rijo magistrado, muito atreito á lettra da lei, porém applicando-a com rigorosa rectidão. Respostas incisivas, espirituosas ás vezes, atalhavam qualquer

protesto contra suas deliberações. Seu aspecto carregado incutia temor. Notabilizou-se a sua direcção, em consequencia talvez de execução exacta das determinações regulamentares, pela presteza e ordem com que tudo andou. Commandava a assembléa militarmente, — teso, secco, integro.

Em Gomes de Castro, não tão severo como Figueira, mas zelador igualmente das suas attribuições, prevalecia elegante correcção. Mordaz e ferino, entrepunha-se sempre a proposito, muita vez com elevação e eloquencia. Si via nas tribunas personagens notaveis, alçava o tom da voz, articulava nitidamente as palavras, procurava produzir effeito. Ouvindo os oradores, satyrisava-os, em voz baixa. « Contra alguns discursadores, — dizia, — o presidente devia estar armado de um revólver. Emquanto falasse um desses, apontaria o presidente a arma com todo o cuidado. De subito, quando mais entusiasmado o homem se mostrasse, —

pum! — em nome da assembléa, — mandando-o, a bem da grammatica, do bom senso, do interesse social. »

Lucena, aspecto aspero e rebarbativo, com fama de violento, era bastante partidario, mas, no fundo, accessivel e benigno, embora muito obstinado, em certas occasiões.

Na sessão em que se apresentou o ministerio Ouro Preto, pendeu manifestamente para a opposição, já na inscripção dos oradores infensos á nova situação, não os alternando com os ministerialistas, já tolerando que o povo invadissem totalmente o recinto e se manifestasse á vontade, applaudindo e reprovando.

Consta que na vespera, em reunião de seus correligionarios, se declarara republicano. Dahi talvez a parcialidade por elle revelada nessa famosa sessão, parecida com tormentoso *meeting* em praça publica.

VIII

Os ministros

Entre os 54 com quem tratei, nem todos teriam jus á qualificação de notabilidade. Varios, longe disso, não passavam de intelligencias mediocres e illustrações subalternas. Nenhum, porém, ascendeu ao governo, sem algum titulo, por mero favoritismo, ou capricho. Os mais fracos eram, quando menos, homens estimados e influentes nas respectivas deputações, dispunham de apoio, representavam um chefe eminente. Significavam todos alguma cousa: assistia a todos certo valor

Atacados sem piedade na imprensa e na tribuna, onde se lhes esmerilhavam os actos publicos e privados, constrangidos muita vez a responder de improviso

às arguições, aos requerimentos, às interpellações, sahiam-se decorosamente, — davam o seu recado, na expressão vulgar. Nenhum comprometteu a dignidade governamental, nenhum foi vergonhosamente esmagado, nenhum se portou de maneira ignobil, nenhum deixou nome odioso na tradição popular.

Em regra, antes de subir a ministro, o politico do antigo regimen havia sido membro de assembléa provincial, presidente de provincia, magistrado, deputado geral, tendo se distinguido na Camara e merecido desta qualquer indicação. Entrava, a primeira vez, para uma pasta relativamente facil, onde o auxiliassem esclarecidos corpos consultivos. Só mais tarde attingia as pastas importantes. Servia sob a direcção de um presidente do conselho—velho, illustre, experimentado. Servia ainda sob o Imperador, repositorio vivo dos negocios do Estado, funcionario exemplar, modelo inexcedivel do escrupulo no desempenho das suas obrigações.

Refrejava, demais, os ministros naquella epoca a necessidade de explicar e defender no Parlamento quaesquer passos que déssem. Antes de agir, cumpri-lhes reflectir sobre o que diriam depois, o que constituia efficaz preventivo. Desse conjuncto de circumstancias resultava que os ministros da monarchia jamais cahiram anniquilados nas refregas parlamentares, podendo todos, nas mais desastradas conjuncturas, repetir a phrase de Francisco I, após Pavia.

No meu tempo, nenhuma increpação virulenta se registrou contra a probidade e o patriotismo dos ministros. Questões pessoas suscitaram-se contra elles em não exigua escala, mas com certo recato.

Necessitavam dispender extrema actividade e força physica. Assoberbavam-n'os immensos encargos. Em consequencia da centralisação dominante, cabia-lhes attender a negocios do paiz inteiro. O Imperador tudo examinava e de tudo

indagava. Duravam os despachos imperiaes horas a fio, até á madrugada. Juntem-se a isso as audiencias, o expediente, a correspondencia official e particular, os deveres sociaes, os onus de partidario, os labores parlamentares, e comprehender-se-ha quão exhaustivo e cheio de tribulações era aquelle posto, escassamente remunerado. Percebiam os ministros, sem excepção do presidente do conselho, apenas 12 contos por anno. Só a despeza obrigatoria do carro absorvia cerca da metade dessa quantia.

Pobres quasi todos, emergindo muitos de infimas classes, conquistando o lugar á custa de lutas ingentes, nenhum se aproveitou do governo para se locupletar, todos se exoneravam endividados ou menos ricos. Importava em genuino sacrificio tomar parte por alguns mezes na suprema direcção do paiz.

Veamos, na galeria dos que conheci de perto, as figuras que se destacam, merecendo especial menção.

I

RODOLPHO DANTAS

Ministro do Imperio, no gabinete Martinho Campos, aos 27 annos, patenteou aptidões de estadista. Ponderado, discreto, estudioso, entendido nos negocios a seu cargo, sobretudo nos de instrucção publica, orava com summa correnteza e suavidade, angariando as sympathias dos ouvintes.

Salientou-se no debate do credito solicitado pelo Governo afim de mandar observar a passagem do planeta Venus pelo disco solar. debate em que se medio com Ferreira Vianna, o qual crivou a corôa de epigrammas, por attribuir ao Imperador a iniciativa do pedido de credito para a expedição scientifica.

Insinuante, sorridente e maneiroso. com affabilidade mais comedida que a do pai. Rodolpho gerava as maiores esperanças. parecendo fadado ás culminações

partidarias. Inesperadamente, sem motivo plausível, declarou abandonar a vida pública, e, na realidade, o fez. Genuíno suicídio político.

II

FRANCO DE SÁ

Companheiro de Rodolpho, no ministério Martinho Campos, coube-lhe a pasta de estrangeiros. No gabinete Lafayette, exerceu a da guerra, e, no gabinete Dantas, a do império. Discutidor emérito, esmiuçava, em linguagem castiça, as questões, manifestando estudo e critério. Um tanto acre nas réplicas, seria excellentorador si dispuzesse de órgão vocal mais sonoro e rico de timbres.

III

BENTO DE PAULA E SOUZA

De uma família de estadistas, paulista ás direitas, distinguio-se, nos poucos mezes em que foi ministro da marinha, pela bonhomia, bom senso, franqueza, —

discorrendo num tom de attrahente familiaridade. Alma sem refolhos, espirito claro e chão. demittiu-se porque não triumphou no primeiro escrutinio da eleição a que se submetteu, segundo a constituição imperial, por ter sido nomeado ministro.

IV

AFFONSO PENNA

Ministro da guerra no gabinete Martinho, da agricultura no gabinete Lafayette. da justiça no segundo gabinete Saraiva, assemelhava-se a este chefe em mais de uma feição. Tinha sobre Saraiva a vantagem da actividade e a da faculdade de trabalho. Talento de minucias, muito applicado, com pouco descortino, mas vendo bem o limitado horizonte que a sua vista abrangia. apontavam-n'o como estadista de futuro, dotado de solidas qualidades governamentaes.

Era. em começo. mau orador, de dicção difficil, gesticulação epileptica.

Graças a continuado esforço, corrigiu-se, ganhando desembaraço e sangue frio na tribuna.

No fim, apesar da pequena figura trepidante, tornou-se discutidor distincto, desprovido de imaginação, sem elevação de idéas, mas dialectico investigador, exercitado em regras burocraticas. Os chamados homens praticos da assembléa apreciavam os discursos de Affonso Penna, — discursos de peso, diziam.

V

LOURENÇO DE ALBUQUERQUE

Tambem mediocre orador, no principio, fez-se, em virtude do estudo e da assiduidade na tribuna, eximio parlamentar. Suppria a debilidade da voz com a nitidez da articulação. Sempre ouvidos attentamente os seus discursos, abundantes de observação, estribados em cifras e factos curiosos, fructo de persistente leitura e reflexão.

Gostava de ostentar-se superior ás conveniencias partidarias, dizendo rudes verdades a seus amigos, de modo a ser festejado pelos adversarios. Erudito, e, no fundo, saturado de scepticismo.

VI

CARLOS AFFONSO

Orador attractivo, vehemente na réplica, sarcástico, insigne no manejo do ridiculo e do convicio, eloquente nos lances de paixão. notabilisou-se Carlos Affonso, sobretudo, no debate com Escragnonle Taunay sobre negocios de guerra, pasta que ao primeiro tocara no ministerio Paranaguá.

Havia o ministro reprimido com desusado vigor a indisciplina de um coronel bulhento e muito protegido. Arcara Carlos Affonso com os poderosos protectores do delinquente na imprensa, nos quartéis, na alta administração. Com mão robusta, fizera respeitar a autoridade e a lei.

Atacaram-n'ò encarniçadamente na Camara. Defendeu-se de modo tão valeroso, tão sobranceiro, e, ao mesmo tempo, tão habil que pôz em debandada os contendores, marcando alguns de indeleveis cicatrizes.

Frequentava pouco a tribuna, mas sempre que falava, produzia impressão.

VII

HENRIQUE D'AVILA

Dava-se com este um facto singular: falando, dir-se-ia alguém, conquistava applausos, deleitava. Não parecia o mesmo, escrevendo. Famosos os seus despachos como ministro da agricultura, no ministerio Paranaguá, pela extravagancia do pensamento e do estylo! Attribuem a mordaz chefe politico o seguinte juizo sobre Avila: « Homem intelligente e sensato na tribuna; mas ensandece, ao contacto da penna. »

VIII

ANTUNES MACIEL

Braço direito do ministerio Lafayette, do qual foi ministro do imperio. A despeito da diminuta estatura, possuia todos os dotes externos do orador: gesticulação apropriada, fluencia, voz possante. A par disso, illustração, e intelligencia vivaz.

Dissimulado ou energico, conforme as circumstancias, atreito a astucias parlamentares, organisava e commandava bem guerrilhas e rapidos assaltos.

Não se prodigalisava na tribuna, mas, em tomando a palavra, mostrava longo folego. Nas suas orações, a magia da forma e o tom do falar substituiam a novidade e a clareza do argumento.

IX

CANDIDO DE OLIVEIRA

Ministro da guerra no ministerio Dantas, dirigiu em nome do Governo os

debates parlamentares na quadra de mais intensa exacerbação, a proposito da questão abolicionista.

A opposição, composta, como já vimos, de liberaes dissidentes e conservadores, e que contava em seu seio o proprio presidente da Camara, convergia contra Candido de Oliveira seus maiores esforços. Era elle tambem o ministro que mais se expunha, que surdia na frente, e, sempre de sentinella, rebatia as investidas.

Argumentador incançavel, versado em todos os ramos da administração, da politica e da jurisprudencia, activissimo, constantemente disposto e preparado para a peleja, fertil em expedientes, nunca recusando um serviço aos correligionarios, partidario devotadissimo, dotado de inexaurivel facundia, Candido representava inestimavel utilidade politica.

Distinguiam-n'o, por isso, os adversarios com animosidade especial, procurando baldadamente feril-o por meio do ridiculo, do aleive e da calumnia.

No ministerio Dantas, e. mais tarde, em opposição ao ministerio Cotegipe, Candido de Oliveira foi extraordinario de resistencia physica, perseverança, laboriosidade e engenho. Nesta ultima phase, falava todos os dias, sobre todos os assumptos, horas e horas, no mesmo alto diapasão.

Increparam-n'o de factos absurdos, quaes o de atrazar o relógio da Camara, no intuito de protrahir a hora da sessão, o de acaudillar assuadas contra deputados hostis á situação, e quejandos. Si a increpação se produzia face a face não tardava rigida repulsa, pois Candido não tolerava que impunemente o atenassem.

Seus discursos constituíam excellentes arrazoados oraes, proferidos com interrupto calor. e torrencialmente. Infelizmente, o timbre da voz e o póрте não condiziam com outros predicados do emérito luctador, caracter nobre, como os successos vieram demonstrar.

X

FRANCISCO BELISARIO

Não tinha espontaneidade oratoria o celebre ministro da fazenda do ministerio Cotegipe, mas a sua indisputavel competencia em assumptos economicos e industriaes, o seu aspecto fino e decidido, o feitio doutrinal das suas arengas captavam-lhe o acatamento e o interesse dos ouvintes. Sahia-lhe a phrase difficultosamente; experimentava palavras até topar com a exacta e insubstituivel. Parecia antes um professor na sua cadeira, explicando pontos controvertidos, do que um funcionario prestando contas de seus actos. Apaixonado por indole, sabia reprimir-se.

Nunca se guindou a alturas transcendentales; nunca uma imagem; nunca uma locução, com pretenções a effeito litterario; nenhuma emphase. Clareza, bom

senso, sciencia, methodo eram os seus attributos. Não peccava entretanto, pela aridez e desgraçiosidade.

Suas exposições financeiras marcaram época. Os empréstimos que realisou, a conversão dos juros da divida interna, —juros que reduziu de 6 a 5 por cento, — a recordação da sua aggressão material ao padre João Manoel, sua urbanidade algo desdenhosa, seus ademanes de *grand seigneur*, sua altivez espinhada, tudo lhe emprestava peculiar encanto e lhe conferia irrecusavel ascendente nos partidos gladiantes.

Provinha principalmente a sua força da segurança de idéas e do rigor mathe-matico das deducções em todos os seus trabalhos. Dahi o entono peremptorio com que elle se impunha. Invejavam-n'ò muitos, aborreciam-n'ò outros. Menos-prezal-o ninguem.

XI

SAMUEL MAC-DOWELL

Casuístico memorável, cheio de distincções e reservas, dotado de vasta sabença jurídica e de fluência caudal, Mac-Dowell tirava do menor incidente series e series de syllogismos. Tinha também abundante leitura das sagradas letras. Impressionava mais do que convencia e deleitava.

XII

ANTONIO PRADO

Perennemente macambuzio, parecendo de mau humor ou de volta de um enterro, falava como que a contragosto, zangado com o auditorio. Nos seus lacônicos discursos havia, porém, limpidez e certa força. Davam-lhe influencia a gravidade natural da sua pessoa, sua avultada fortuna e sua numerosa e importante familia.

Seyès, no affirmar de Laboulaye, fez carreira porque nunca se riu e revestia o pouco que dizia de um ar mysterioso e profundo. Para a elevação de Antonio Prado talvez houvesse contribuido o seu ar de constante agastamento. Cumpre reconhecer nelle, todavia, um inspirador de confiança, um espirito atilado e resolutio.

XIII

RODRIGO SILVA

Gamenhamente trajado, guapo e esbelto, portando-se na Camara como em elegante salão, as suissas e o cabello de um negro luzidio que, attenta a idade do ministro, autorisava suspeitas, affavel para com todos, o referendario da lei de 13 de Maio possuia o *charme* a que nada resiste.

Conversador delicioso, com reputação de aventuras galantes, acudindo fagueiro ao menor appello, Rodrigo Silva, calmo

e cortez, falava habilidosamente, suscitando universal sympathy, deixando o adversario a sorrir e a murmurar: « que maganão! »

Alludia-se ao seu machiavelismo e cynismo elegantes. Percebia-se que apreciava o Governo com a sensualidade de um *gourmet*, tirando delle acendrados gosos, desconhecidos dos mais. Insusceptíveis de despertarem paixões, ou de imprimirem fortes ondulações ao pensamento, superficiaes e apraziveis, deslizando pelos assumptos com leveza e donaire, seus discursos eram antes delicadas *causeries*.

Digno ministro de uma senhora (Rodrigo servio a mór parte do tempo com a Princeza Imperial Regente), lembrava um pagem medieval, vestido de seda, gonfaloneiro de gentil pendão, capaz, entretanto, de galhardias, de morrer mesmo pela sua dama,—um tanto corrompido e corruptor.

XIV

FERREIRA VIANNA

O eminente opposicionista da vespera prejudicou o ministro de Estado. As suas terriveis e legendarias apostrophes: — O Imperio é o *deficit*; quarenta annos de oppressões e usurpações; o principe conspirador; Cesar caricato e outras, proferidas pouco antes de Vianna subir ao poder; — seus doestos constantes á pessoa do monarcha, de cuja integridade mental chegou a duvidar. — doestos de tanto mais peso quanto partiam de um conservador, — constrangiam-n'o na posição de secretario da corôa, primeiro sob a Princeza, em seguida sob o proprio D. Pedro II.

Nunca alcançou no banco ministerial um só dos ruidosos triumphos a que outr'ora estava afeito. O deputado João Pennido o poz em serio embaraço. volvendo contra elle — ministro do Imperio — um

requerimento sobre a saude do Imperador que Vianna mezes antes formulara e cruelmente desenvolvera na tribuna.

Apezar de muito haver trabalhado naquella pasta e na da Justiça, durante o ministerio João Alfredo, seu lugar não é entre os ministros notaveis, mas entre os grandes oradores. Em todo o caso, não foi ministro subalterno ou vulgar.

*
* *

Ao lado desses, cujos perfis deixamos rapidamente esboçados, mereceriam outros referencia, não fôra o temor de alargar por de mais esta parte.

Assim, Franklin Doria, correcto ministro da guerra, instituidor da bibliotheca do exercito; Silva Mafra que ascendeu á pasta da Justiça, em virtude do renome adquirido como magistrado; Carneiro da Rocha, vivo, chão e captivante; Soares Brandão e Luiz Felipe, de fidalgas maneiras; Leão Velloso, provector jornalista;

Eleuterio de Camargo, genuino representante do Rio Grande do Sul, só a invocar a sua heroica provincia; Alfredo Chaves, máo orador, mas acatado pela sua siseudez; Thomaz Coelho, agil politico, sem embargo da enorme adiposidade corporea, promotor de uma das mais recommendaveis fundações dos ultimos annos da monarchia, o Collegio Militar:— não deslustraram, antes ennobreceram os cargos governamentaes.

Outros, si não fulguram nos annaes parlamentares, salientaram-se nos da administração, nos da politica, nos das relações sociaes.

A carencia de faculdades oratorias não excluia a capacidade necessaria para membro do Poder Executivo. O visconde de Itaboraahy e o marquez de S. Vicente, por exemplo, falavam mal e foram grandes homens de Estado.

IX

Os oradores

Sabiam todos, mais ou menos bem, dizer duas palavras em publico.

O habito de falar o deputado junto á bancada, sem a solemnidade da tribuna, favorecia as expansões oratorias. Raro foi o que atravessou a legislatura tendo deixado de intervir alguma vez nas discussões. De tal modo se familiarisava o maior numero com a arte de discursar, que abusava, já tomando excusadamente a palavra, a proposito de qualquer questuncula. já sempre se alargando demasiado. Eram soliloquios inuteis de 2, 3 horas que poucos ouviam e ninguem lia.

Das centenas de oradores parlamentares que conheci, destacam-se 5, realmente extraordinarios, que impressionariam o

mais exigente e esclarecido congresso do mundo. Assisti a sessões nos principaes parlamentos da Europa e da America.

Em nenhum delles deparou-se-me talento de tribuna superior ao dos que passo a apontar, procurando discernir a caracteristica de cada um. Attrahiam esses concurrencia todas as vezes que falavam; possuiam a scentelha divina; empolgavam o animo dos espectadores; arrancavam applausos e commentarios que, repercutindo na imprensa, echoavam pelo paiz inteiro.

I

GOMES DE CASTRO

Baixo, retacado, um dos olhos defeituosos, como Gambetta, direito, a cabeça firme, Gomes de Castro não hesitava um segundo. Borbulhavam-lhe as phrases dos labios, como de inexgotavel manancial, sempre num jorro espesso. Tersa, impecavel, a linguagem. Quasi não fazia

pausas, não lia, não compulsava apontamentos, não bebia agua.

Prolongava-se diffuso o discurso, ora fervilhando, ora redemoinhando, ora se aquietando em remansos lyricos, porém constantemente copioso, vertiginoso mesmo.

Consistia a postura predilecta do orador em collocar a mão esquerda nas costas, gesticulando accentuadamente com a dextra. Dicção cadenciada, pureza na articulação. Orava commovido, possuido do assumpto. Por isso, conseguia commover os ouvintes. Trahia-se a commoção de Gomes de Castro na pallidez do semblante e na vacillação da voz, ao começar. Breve, o diapasão se firmava, tornava-se estridente, um tanto enrouquecido, no fim. A commoção continuava a se trahir no tremor, em certas occasiões bastante vivo, da mão collada ao dorso.

Gomes de Castro brandia o sarcasmo, usava de reteiradas apostrophes e prosopopeias.

Quanto ao fundo, conservador extremado, defendia causas pouco sympathicas ao povo, no qual, entretanto, seu turbilhão de palavras abria larga impressão.

Arguia-se-lhe o tom emphatico e antiquado, bem como certa vulgaridade de conceitos. Repetia-se.

Na verdade, dos seus famosos discursos apagada recordação ficou, por lhes faltarem idéas geraes, desprendimento das questões de momento, intuições de futuro,—elevação de vistas, em summa. Gomes de Castro, sem embargo do seu immenso talento, e da sua honradez, não era um estadista, um pensador. Não remontavam alto seus vôos, até mergulharem no azul. Rectilíneos, rapidos, extensos, em sentido horizontal, não se afastavam da terra, onde, de ordinario, roçavam. O mais das vezes libravam-se nas regiões medias, em ultima analyse facilmente accessiveis.

Quasi nunca publicava na integra os discursos. Certamente muito perderiam

na leitura, despojados do calor e da paixão com que eram enunciados e constituíam o essencial do seu effeito.

Gomes de Castro jámais presidiu a um consideravel movimento de opinião, jámais dirigiu os proprios que mais o admiravam e applaudiam.

Porque ? Porque, simplesmente insigne artista da palavra, falleciam-lhe os predicados supernos dos guiadores de homens. Fallecia-lhe tambem porventura a ambição estimuladora desses.

A gente ouvia Gomes de Castro como se ouve um excellente tenor. Ficava encantada, batia palmas, mas não se julgava obrigada a deixar-se encaminhar por elle.

II

FERREIRA VIANNA

Completo actor da tribuna, possuia em sua lyra todas as cordas. — a comica, a dramatica, a tragica. Figura soeratica.

enigmatica, expressiva mas desconcertante, fazia pensar na celebre sentença: a palavra foi dada ao homem para encobrir o pensamento.

Encetava o discurso lentamente, a voz cava, o ar humilde e monacal, olhos baixos, immovel, como a supplicar misericordia. Estabelecia-se immediato silencio: afinavam todos o ouvido para não desaproveitar uma syllaba daquellas ponderosas revelações. A pouco e pouco, a dicção se avolumava, ganhava consistencia, o gesto ia se desprendendo e se inflammando. E era um gozo escutar Ferreira Vianna. Ora pregador, ora tribuno, ora palestrador, brincava com a palavra, e a coloria, e a torcia, e a meneiava como perito artista o seu docil instrumento.

Aqui movimento e fervor, adiante calma e magestade, alem entonações burlescas, mais tarde indignação, zombaria, dôr, a ponto de se temer que lagrimas saltassem.

Ajuntai vastos conhecimentos philosophicos e historicos, aneddotas picantes, felizes achados de idéa e expressão, locuções lapidarias, muitas das quaes ficaram populares. A dicção, sempre rhythimica, não se accelerava nos episodios de mais força, guardando inalteravel correcção.

O que dava aos discursos de Ferreira Vianna sabor particular eram os sub-entendidos, as reticencias, as allusões maliciosas e veladas, frequentemente ferinas, á pessoa do Imperador. A par de trechos cuja harmonia, simplicidade e atticismo attingiam a genuina eloquencia classica, estalavam invectivas e epigrammas tão immerecidos quanto crueis.

A variedade dos tons, a propriedade da miimica e das attitudes, a profusão dos matizes autorisavam affirmar-se que Ferreira Vianna representava seus discursos, em vez de os proferir, regalando os olhos dos circumstantes, alem de lhes regalar a intelligencia e o ouvido. Tudo estudado e calculado, mas, -- suprema victoria da

arte! — apparentando a frescura e a espontaneidade da improvisação. Até os algarismos eram artisticamente apresentados.

Quando se annunciava discurso de Ferreira Vianna, accorriam á Camara espectadores infalliveis, entre os quaes um compadre delle, chamado Barradas, que permanecia boquiaberto, em extasis, na frente do orador. « Lá vem o Barradas, dizia-se, — o Vianna vai falar. »

Uma feita o deputado Ratisbona, o qual tambem se collocava de pé, na bancada, ao lado de Ferreira Vianna, (muitos costumavam pratical-o) afim de gosar os minimos pormenores do espectaculo, tanto se enthusiasmou, após uma tirada de effeito, que tomou, fóra de si, o copo d'agua destinado ao orador, e, em lugar deste, ingeriu de um trago o liquido, no meio do espanto e da hilaridade geraes.

Afinal de contas, no conjuncto, era iconoclasta e destruidora a acção desses discursos. Conservador, não cessava Ferreira Vianna de desfechar tremendos

golpes contra as instituições imperiaes, buscando desconceituar sobretudo, directa e individualmente, o monarcha.

Em taes discursos encontram os republicanos abundante arsenal de armas para acommetter o antigo regimen.

Apezar da seriedade com que Ferreira Vianna a miudo manifestava seus sentimentos religiosos, de cuja sinceridade não é licito duvidar, ninguem alludia sem sorrir a similhantes manifestações.

A arte refinada deste eminente mestre da palavra muito encantou e divertiu seus contemporaneos. Mas parece que quem mais se encantou e divertiu com ella foi o proprio orador.

III

RUY BARBOSA

Este assombrava, como um phenomeno. Baixo, franzino, compleição morbida, parecendo insusceptivel do mais leve esforço e prestes a desfallecer,

falava duas, tres, quatro horas consecutivas, sem repousar, sem soluções de continuidade, sem se servir de uma nota, sem molhar a garganta, sem que um instante afrouxasse ou se empanasse o timbre de sua voz extensa e mordente.

Olhos semi-cerrados, por causa da extrema myopia, gestos escassos e vagos, quasi immovel na tribuna, á guiza de um somnambulo, physionomia impassivel, de sua bocca escorria ininterrupta, sempre cheia e volumosa, a caudal de palavras crystalinas. Prodigiosa machina de falar admiravelmente !

Nos pedaços mais aggressivos, a mesma uniformidade, identica attitude. A voz, pouco rica de timbres, apenas aqui e alli, no cahir dos dilatados e sumptuosos periodos, tremulava adrede.

E que discursos ! Verdadeiros tratados sobre o assumpto, obras exhaustivas, edificios macissos e colossaes ! Encaravam a materia sob quaesquer aspectos imaginaveis. analysavam-na até á ultima

minucia, repletos de estupenda erudição, transbordantes de factos, datas, leis, nomes, commentarios, tudo, emfim.

A fôrma, mais que correcta, burilada, com luxos de classicismo e termos raros, sempre litteraria e nobre, dir-se-ia esmeradamente trabalhada. Affirmava-se, por isso, que Ruy escrevia suas arengas, e, confiando-as á portentosa memoria, reproduzia-as, sem mudança de uma syllaba. Não o creio. Muita vez elle attendia ás interrupções, não dando á resposta o geito de dialogo, mas inserindo-a no corpo da oração que inalteravel e infindavel proseguia.

Maravilhoso sempre o effeito dessas orações, como de um facto fóra das normas geraes. Mas fatigavam pela monotonia da perfeição. Raro conseguiam os ouvintes prestar-lhe attenção continuada. Alternavam-se. Sahiam da sala acabrunhados, para respirar. Regressavam meia hora, uma hora mais tarde. Ruy lá estava immoto, emittindo da mesma maneira, as

mesmas cousas formosas, eruditas, preciosas, lembrando um mar sem ondas, sem ventos, immenso, mysterioso, infinito. Durante o discurso, todo igual, marmoreo e inexcedível, poucos applausos surdiam. No final, sim, o auditorio pasmado, achegava-se do orador — para o contemplar de perto, num mixto de curiosidade, enlevo e sagrado terror.

A' eloquencia de Ruy, sem altos e baixos, nem lampejos, ou, antes, um lampejo permanente, á sua facundia incomparavel, applica-se a reflexão de um viajante attonito ante a exuberancia e a magnificencia da selva tropical: a profusão das arvores não deixa apreciar a floresta.

IV

JOAQUIM NABUCO

A figura de Nabuco formava por si só o melhor dos exordios. Bastava assomar á tribuna para empolgar a attenção e a sympathia.

Muito alto, bem proporcionado, a cabeça e o rosto de uma pureza de linhas esculptural, olhos magníficos, expressão a um tempo, meiga e viril, nobre conjuncto de força e graça, delicado gigante. Nabuco sobresahiria em qualquer turba, typo de eleição, desses que a natureza parece fabricar para modelo, com cuidado e amor.

A voz estridulava como um clarim; dominava os rumores; cortava, penetrante e poderosa, as interrupções. De ordinario, despedia rajadas, como um latego sonoro. Não enrrouquecia, antes adquiria, com o exercicio, vibrações cada vez mais metallicas e rijas. Voz de combate, — a do commandante excitando os soldados, no acceso da batalha.

A gesticulação garrida, as attitudes plasticas de Nabuco contribuiam para a grande impressão produzida pelos seus discursos. Consistia um dos seus movimentos habituaes em metter as mãos nos bolsos das calças, ou, então, em enfiar

dois dedos da mão direita na algibeira do collete. Desses e outros gestos provinha-lhe vantajoso ar de desembaraço e petulancia. Articulava syllaba por syllaba os vocabulos, sublinhando os mais significativos.

A tantos preciosos predicados, juntavam-se immensa verbosidade, vivaz imaginação poetica, corroborada por aturados estudos litterarios, fertil em radiantes metaphoras, enthusiasmo, natural eloquencia, inspiração. Nabuco, demais, sempre escolhia para thema assumptos levantados, — problemas sociaes, philosophicos e religiosos, de alcance universal. Fugia ás polemicas individuaes, ás intrigas da politiquice. Não se submettia á disciplina e ás conveniencias partidarias; desconhecia chefe.

A questão abolicionista attingira o auge, apaixonada e brilhante. Nabuco que já havia ligado seu nome á causa dos captivos, tribuno consagrado das victimas, reentrara na Camara, em 1887,

de modo excepcionalmente triumphante, — derrotando nas urnas o ministro do Imperio, Machado Portella, homem bom e influente, cujo desastre a todos surpreendera.

Concorriam nessa quadra em Nabuco copiosos e variados encantos : o de heroe da sociedade, o das viagens, em que convivera com as summidades estrangeiras, o de jornalista, o da popularidade, o da sublime bandeira que empunhava. A imprensa abolicionista vivia a endeosal-o. Tudo, em summa, cooperava para determinar e encarecer os seus inolvidaveis triumphos oratorios de então. Fascinava : os proprios adversarios, que tamanhas superioridades irritavam, reconheciam-lhe e proclamavam-lhe o immenso valor. Accorria gente de todas as condições, numerosas senhoras para vel-o e ouvir-o. As galerias o aclamavam.

Mal o presidente proferia a phrase regimental : tem a palavra o Sr. Joaquim

Nabuco, — corria um calefrio pela assistência excitada; electrificava-se a atmosphera. A oração não tinha um curso continuo e seguido : fazia-se por meio de jactos. Nabuco disparava um pedaço mais ou menos longo, rematado por uma citação justa; uma bella imagem, um *môt à la fin*. Parava, descançava, consentia que se cruzassem os apartes e os applausos.

Olympico, sobrepujando a multidão com a avantajada estatura, manuseava vagarosamente as notas, sorria, os olhos entre-fechados, reflectia, aguardava a cessação do rumor, desprezava os apartes, ou levantava o que lhe convinha, e, de repente, partia em novo arremesso.

Mal descerrava os labios, restaurava-se o silencio. Nem era possivel detello mais. Continuasse o ruido, e a portentosa voz, a vertiginosa dicção de Nabuco prestes o abafariam. As perorações, de ingente sopro lyrico, eram cuidadosa e habilmente preparadas. Para ahi a imagem mais pomposa, a declaração de maior

alcance, o gesto mais theatral. Provocavam estrepitosas ovações nas galerias.

Sentava-se Nabuco, e, durante minutos, ficavam os trabalhos virtualmente suspensos, enquanto não se esvaeciam as resonancias de seus possantes e magicos accentos, repercutidos no que a intelligencia e o coração possuem de mais elevado e sensível.

Talvez em epoca fria e normal e em discussões terra a terra, Nabuco não se mostrasse o orador extraordinario que foi no periodo abolicionista.

Ouvi-o, mais tarde, em brindes, numa conferencia de caridade, effectuada no Cassino Fluminense, a favor da Cruz Vermelha. Não parecia o mesmo.

Ainda dispunha de bellos predicados oratorios, mas quão longe do brio, e do fulgor daquelle tempo!

Então, repito, alcançou incomparaveis triumphos. Poder-se-ia compor formosa anthologia das suas phrases conceituosas e eloquentes nessa data. Por exemplo, ao

receber o ministerio João Alfredo : « Não, Sr. Presidente, não é este o momento de se fazer ouvir a voz dos partidos. Nós nos achamos á beira da catadupa dos destinos nacionaes, e, junto della, é tão impossivel ouvir a voz dos partidos, como seria impossivel perceber o zumbir dos insectos atordoados que atravessam as quédas do Niagara. » Ou, a 8 de Maio, ao ser lido na mesa pelo ministro Rodrigo Silva, o projecto abolicionista, tendo prorompido prolongadas acclamações e ruidosas manifestações dentro e fóra do recinto : « Sr. Presidente, eu peço a V Ex. e peço á Camara que tenham tolerancia para esta manifestação que o povo brasileiro acaba de fazer dentro deste recinto. Não houve dia igual nos nossos annos. Não houve momento igual na historia da nossa nacionalidade. E' como si o territorio brasileiro até hoje estivesse occupado pelo estrangeiro e este, de repente, o evacuasse, e nos deixasse senhores da nossa vida nacional. »

Nestas occasiões, como em algumas outras, Nabuco attingio o sublime, pois em suas arengas perpassaram os brados de milhões de captivos, trisecularmente opprimidos, os reclamos do Direito, as imprecações da Liberdade.

V

ANDRADE FIGUEIRA

Neste, predominava o dialectico, o argumentador por excellencia. Pertenceria na antiguidade á escola de Megara. á escola eristica. celebre pelo ardor na disputa e só tendo em mira achar os pontos fracos do adversario.

Rigido, inflexivel, de uma coragem e uma independencia a toda prova, anatomizava os assumptos com logica implacavel.

Phrase prompta, naturalmente castiça, desataviada de arrebiques rhetoricos, abalava pelo cerrado do raciocinio, pelo solido travamento das idéas, pela inamol-gavel applicação dos principios.

Estylo simples, sem vulgaridade, sobrio, impetuoso ás vezes, conservava sempre moldes classicos e polidos. Defensor imperterrito da autoridade, hostil a quaesquer reformas ou innovações, infenso ao espirito dominante em seu tempo, Andrade Figueira merecia ser ouvido com acatamento e agrado, graças á consciencia com que estudava as materias de que se occupava, á sua sinceridade, e á sua franqueza, — varão de outras éras, homem d'antes quebrar que torcer.

Admiraveis a sua hombridade e o seu civismo! Affrontava quem quer que fosse, si o que entendia seu dever lh'o prescrevesse. Nas replicas, encontrava sahidas esmagadoras, das que os francezes chamam *boutades*.

Durante a agitação servil, advogou sem pausa, perseverante, intemerato, inexoravel os interesses dos senhores de escravos, após haver libertado todos os que possuia. Impugnou energicamente o projecto da lei de 13 de Maio, embargando-lhe

a marcha do modo a seu alcance, no meio de uma multidão allucinada que exigia a immediata adopção da medida e se enfurecia contra as demoras.

Ao ser votado o projecto em ultima discussão, o povo entregou-se no recinto da Camara a delirantes expansões de enthusiasmo, misturando-se com os deputados, abraçando-os, cobrindo-os de flores.

Andrade Figueira, sosinho, impassivel, permaneceu em sua cadeira, havendo antes protestado contra o que denominou a transformação da assembléa num *circo de cavallinhos*. E o povo o respeitou, rendendo homenagem á sua coherencia e inquebrantabilidade de crenças.

O unico desforço que a multidão tomou daquella attitude, um tanto provocadora, consistio em atirar para o lado de Andrade Figueira grande numero de ramalhetes. O destemido adversario da abolição, cada vez mais severo, ficou cercado de rosas e lyrios.

Andrade Figueira é a prova do quanto valem a firmeza e o vigor moral. Applicam-se-lhe os conceitos de Plutarco, relativamente a Phocion : « Cumpre attribuir aos costumes de Phocion o poderoso influxo de quaesquer phrases suas, porque numa palavra, num gesto, num simples aceno de cabeça, provindo de um homem de bem, ha mais eloquencia e mais força de persuasão de que em longas congéries de bellas expressões e de flores de rhetorica oriundas de um palrador. »

Pectus est quod disertus facit, — ensinou Quintiliano.

X

Outros oradores

Ao lado dos cinco insignes oradores de que tratamos, outros se salientaram, mas em menor escala. Mencionarei apenas alguns, porque, como já disse, todos sabiam falar, muitos imprimiam ao debate elevação e solemnidade. A Camara apresentava então um conjuncto digno de um povo culto.

Entretanto, de tantas justas oratorias pouco, quasi nada sobreviveu. Porque? Porque mais ephemera do que a gloria da tribuna, só a do palco. O actor morre por inteiro, e o orador morre por metade, escreveu Victor Hugo. A metade restante do orador está no discurso redigido e emendado, depois de proferido: subsiste nos

raros casos em que ao orador se allia o escriptor.

José Marianno, o famoso tribuno de Pernambuco, agitador de paixões populares, voz pujante, desabrido, falava horas e horas no mesmo diapasão tempestuoso. Ulysses Vianna e Aristides Spinola forneciam uteis informações, colhidas em meticoloso estudo. Antonio de Siqueira, conhecido por A. de Siqueira, um tanto gago no começo da sua carreira publica, tornou-se conceituado especialista em assumptos financeiros.

Cumpre não esquecer : Prado Pimentel, gracioso e avelludado ; Cezar Zama, tribuno do genero José Marianno, porém mais parlamentar ; Duque Estrada Teixeira, apaixonado e loquaz ; Pereira da Silva, torrencial, formigando de algarismos ; Lacerda Werneck, claro expositor das necessidades agricolas ; Martim Francisco, personificação da bondade, esplendido improvisador ; Martim Francisco Junior, espirituoso, erudito, original no fundo

e na forma; Amaro Bezerra, enorme, lembrando uma balêa (algunharam-n'õ — a *tintureira*) aggressivo, ejaculando os mais contundentes desaforos com inalteravel placidez; Ratisbona, sempre risonho, typo de rabula politico, celebre pelas suas contradicções, *pau para toda obra*, ao que se affirmava, occupando a tribuna sessões inteiras, sem nada affirmar ou negar definitivamente; Benedicto Valladares, exuberante, illustrado e tenaz; o padre João Manoel, de preferencia pregador de sermões: Coelho Rodrigues, picante, minucioso, pugnaz, autoridade em direito positivo: Duarte de Azevedo, reputado jurisconsulto, affavel e persuasivo, — e tantos mais, cujo perfil ficou delineado entre os dos presidentes da Camara e os dos ministros.

Em 1886, appareceram dois moços que promettiam muito, como oradores: Jayme Rosa e Junqueira Ayres, este da Bahia, aquelle do Piauhy. Suas estreias causaram sensação. Morreram ambos sem realizar o

que annunciavam. Junqueira Ayres figurou sob a Republica, mas apagadamente.

Em 1884, sob o ministerio Dantas, sahiram eleitos tres republicanos declarados— Alvaro Botelho, Prudente de Moraes e Campos Salles, os dois ultimos predestinados a chefes de Estado, cousa que provocaria riso na occasião, si alguem o asseverasse.

Precedia os futuros presidentes da Republica larga nomeada. A Campos Salles, sobretudo, imputava-se desmarcada capacidade oratoria.

A situação excepcional em que se achavam, a significação da sua victoria eleitoral, a excitação dos animos, a relevancia dos interesses em debate tornavam impacientemente esperadas as primeiras manifestações dos dois inimigos das instituições monarchicas.

Começaram a desilludir a espectação prestando, sem reluctancia, nem restrições, o juramento prescripto pelo regimento interno da Camara, o qual rezava

assim : « *Juro aos Santos Evangelhos manter a religião catholica, apostolica romana, observar e fazer observar a Constituição. sustentar a indivisibilidade do Imperio, a actual Dynastia Imperante, ser leal ao Imperador, zelar os direitos dos Povos e promover, quanto em mim couber, a prosperidade geral da Nação.* »

Falou cada um delles meia duzia de vezes, no correr de sete mezes, de Fevereiro a Setembro de 1885, em que figuraram no Parlamento. Votaram correctamente a favor do ministerio Dantas, collocando a idéa abolicionista acima da opposição radical.

Qual a impressão geral por elles produzida ?

Prudente de Moraes, pela simplicidade de seus modos, pela sua modestia e retrahimento, cedo se impoz ao acatamento de seus collegas. Seus discursos, recheiados de cifras e referencias a relatorios e outros documentos officiaes, demonstravam applicação, espirito analytico,

seriedade; mas quão compridos, quão monotonos! Em ultima analyse, anodinos, delles nenhum damno resultou para a monarchia. Prudente foi escutado com attenção até ao meio do primeiro discurso. Do meio para o fim, houve debandada. Perseverou limitado numero de auditores. Identica debandada occorreu nas outras occasiões, aliás raras, em que a figura espectral do Dr. Prudente, sobraçando papeis e calhamaços ameaçadores, se alçou na tribuna.

Coube-me a honra de presidir a parte principal da sessão em que o Sr. Campos Salles estreiou, — Abril de 1885. Eu era primeiro secretario e apoiava o ministerio Dantas. O presidente Moreira de Barros e os vice-presidentes estavam em opposição, conforme já referi. Moreira de Barros desceu da cadeira presidencial para, na bancada, apresentar e sustentar uma moção de desconfiança contra o gabinete que esperava derribar nesse dia. Não quizeram os vice-presidentes assumir

a direcção dos trabalhos, afim de votar no sentido da moção. A maioria do ministerio cifrava-se em dois ou tres votos; convinha á opposição tudo aproveitar para destacar della um nome que fosse. O primeiro secretario na presidencia (o presidente não votava) equivalia a um voto perdido para Dantas. Em virtude dessa manobra, presidi, pois, á sessão, — a Camara repleta de povo ancioso e agitado.

Após varios discursos fogosos, no debate da moção, levantou-se Campos Salles, em meio de augusto silencio, para declarar qual a attitude dos republicanos, em face do governo emancipador Prudente não havia ainda estreado. Militavam em prol de Campos Salles todas as circumstancias para immenso triumpho.

Seu discurso, a favor da politica abolicionista de Dantas, não foi máo, mas também não foi o que se aguardava. Revelando altisonantes pretencões, mostrou-se muito inferior aos grandes oradores

da Camara. Voz potente, elocução desembaraçada, cheio de si, encarnava o typo do orador *ronflant*, ou o dos actores de pequenos theatros, que, representando papeis ferozes, esbugalham os olhos e berram, sem medida no gesto e na dicção. Pronunciava a palavra — *republica* — com muitos *rr* e a palavra — *pôvo* — com muitos *ôô*, arrastando a lingua, esforçando-se por emprestar entonações tragicas e mysteriosas aos lugares mais communs.

Mediocre o effeito dessa e das seguintes, — pouco abundantes, — arengas de Campos Salles. Applaudiam-n'o os amigos e os descontentes da monarchia, — porém sem convicção. « Só isso! » murmurava-se.

Não fôra justo acoimar de corriqueiro o republicano paulista: sabia tirar soffri-vel proveito dos erros dos partidos monarchistas; defendeu decentemente o seu ideal; fez mesmo algumas prophecias, demonstradoras de esperteza e espirito

observador, e que os successos confirmaram.

Mas, longe estava de ser notavel parlamentar, ou tribuno. Nada de alteroso, de novo, de impressionador. Ninguem mais se lembra de uma phrase sequer de taes discursos, mesmo agora que uma turba de admiradores vive a catar e a apregoar todos os actos e palavras memoraveis do omnipotente presidente da Republica.

Bons camaradas, polidos e moderados nas conversações, os dois republicanos paulistas ficaram estimados de seus collegas adversos. Apezar da sua tristura chronica e dos seus discursos enfadonhos, Prudente de Moraes tinha mais peso.

XI

Deputados notáveis

Merecem classificação especial alguns que não exerceram cargos publicos, não intervieram assiduamente nos debates, não dispunham de grandes dotes oratorios, mas possuíam superioridade ou originalidade que os collocava em relevo.

Paulino de Souza, por exemplo, o ponderado e formalistico chefe conservador, eminente por mais de um titulo, assignalou-se, sobretudo, pela reverencia, quasi culto, que lhe tributavam numerosos correligionarios. Certo grupo só via pelos olhos d'elle e lhe obedecia passivamente.

Alto, magro, calvo, de oculos, ceremonioso em extremo, dando a todos—Excelencia, unctuoso, escassas e breves vezes falou. Sentia-se, porém, em tudo a sua

se lhe mostrou vivamente sympathico. O conflicto tomou largas proporções. O presidente do conselho barão de Cotegipe reconheceu-se sem força para impedir o movimento, ameaçador das proprias instituições. Deodoro, aos poucos subindo de tom, manifestou-se, em correspondencia official, solidario com os seus camaradas. Um verdadeiro *pronunciamento*.

Substituido nos cargos que exercia, vem Deodoro para o Rio. Consultado sobre os avisos expedidos pelo ministro Alfredo Chaves, o Supremo Conselho Militar acoima-os de inconstitucionaes. Deodoro, tendo como secretarios José Simeão e Senna Madureira, preside a uma avultada reunião (2 de Fevereiro de 1887) num theatro, reunião composta de officiaes superiores e subalternos, na qual, após violentos discursos, resolve-se exigir a nullificação das reprehensões infligidas a Cunha Mattos e Senna Madureira, á vista da decisão dô Supremo Conselho Militar. Deodoro escreve com esse intuito

energicas cartas, quasi intimativas, ao Imperador. Abre-se a Assembléa Geral no meio dessa crise.

Depois de acre e commovente debate no Senado entre Cotegipe e o marechal Visconde de Pelotas, resolve aquella corporação convidar o Governo a tornar sem effeito as reprehensões determinantes da collisão. Cotegipe cede, confessando soffrer assim alguns arranhões na dignidade governamental.

Em fins de Fevereiro de 1888, por motivo da prisão pela policia de um official de marinha reformado e doido, chamado Leite Lobo, trava-se disputa entre a armada e a força policial. Cotegipe se retira, por não querer sacrificar o chefe de policia Coelho Bastos. Vem João Alfredo, o qual por seu turno arcou com uma questão militar, provocada pelo incidente occorrido entre o batalhão 17º estacionado em S. Paulo e o chefe de policia desta provincia. O commandante e os officiaes do batalhão protestaram

pela imprensa contra o procedimento desse chefe, Dr. Cardoso de Mello, penetrando no quartel, sem as formalidades devidas, afim de pessoalmente tomar conhecimento de uma briga entre praças de policia e de linha. O batalhão é removido para o Rio; o que occasiona manifestações populares dirigidas pelos proceres republicanos Campos Salles, Rangel Pestana e Bernardino de Campos. E' demittido, por outro lado, o chefe de policia, Cardoso de Mello.

Preoccupado com a excitação dos militares, deliberou o Governo remover boa parte delles, commandada por Deodoro, para Matto Grosso, sob pretexto de ameaçarem rompimento as relações da Bolivia com o Paraguay. Em 1889, o ministerio Ouro Preto, attendendo á requisição do seu ajudante general do exercito, Floriano Peixoto, no qual depositava illimitada confiança, e acreditando satisfazer a Deodoro que se manifestava desejoso de voltar, annuo ao regresso da força

expedicionaria. Pouco depois de chegada ao Rio, fez ella, de accordo com os chefes republicanos, o 15 de Novembro.

Das quatro questões militares,— a de Frias Villar, a de Cunha Mattos-Senna Madureira, a de Leite Lobo, a do batalhão 17",— só a primeira se discutiu com alguma latitude na Camara. As outras, occorridas no interregno parlamentar, occuparam de preferencia a attenção do Senado. Não me cabe, pois, expol-as minuciosamente.

Os republicanos impacientes exploraram constantemente a insubordinação militar. O governo provisório de 15 de Novembro denominou-se — constituido pelo exercito e a armada, em nome da nação. Dahi a repugnancia á republica por parte de tantos distinctos compatriotas. dahi em magna quantidade os males produzidos por ella. Começou mal, trazendo em si o germen da morte: começou pela traição, pela violação de principios que não perdoam violações. Si a republica era

realmente a aspiração do povo brasileiro ,
não houvera sido difficil conseguil-a de
maneira nobre, e de consequencias menos
funestas para o Brazil, como se conse-
guiu a abolição.

XVI

A ultima sessão da Camara na monarchia

Effectuou-se a 15 de Novembro de 1889, depois de triumphante a sedição militar que destruiu as instituições imperiaes. Nenhum jornal fez menção della; não foi lavrada ou desapareceu a respectiva acta; nada consta dos *Annaes*. Entretanto, não deixa de ser interessante o que occorreu.

Achava-se a Camara em trabalhos preparatorios. Eleita a 31 de Agosto, para substituir a que o ministerio Ouro Preto havia dissolvido, reuniu-se pela primeira vez a 2 de Novembro, dia de finados, o que a muitos pareceu mau agouro. Devia installar-se solememente a 20 de Novembro. As eleições tinham-se realisado sem conflictos nem violencias,

de sorte que muito placidas correram as sessões preparatorias.

Haviam sido eleitos varios opposicionistas conservadores e republicanos. Conservadores — Olympio Valladão, Alfredo Chaves, Domingos Jaguaribe, Gomes de Castro, Francisco Bernardino, Pedro Luiz Soares de Souza, Araujo Pinho. Republicanos — Carlos Justiniano das Chagas e Gabriel de Almeida Magalhães. Silva Jardim não concorrera por poucos votos a segundo escrutinio, e fôra disputar o diploma perante a commissão verificadora de poderes. Desses opposicionistas alguns já se achavam reconhecidos. Um delles, Alfredo Chaves, encetara a campanha contra a situação, formulando a 12 de Novembro vehemente protesto sobre materia eleitoral. Não era, pois, uma Camara unanime como, por ignorancia ou má fé, vivem a assoalhar os adversarios do gabinete Ouro Preto.

Na manhã de 15 de Novembro, depois de haver tentado em vão penetrar no

Quartel General e de ter estado na Repartição da Policia, a me informar dos acontecimentos, parti ás 11 horas e meia para onde o dever de deputado me chamava — o edificio da Camara. Foi meu companheiro de bond o meu collega conselheiro Alfredo Chaves, ex-ministro da guerra, que se mostrou reservado na apreciação dos factos. Afigurou-se-me que, como conservador, elle mais considerava a queda da situação liberal do que a da monarchia. Havia pouca gente nas ruas que percorremos. Lia-se nas physionomias surpresa e susto. No bond, commentavam-se os successos, aliás ainda mal conhecidos nos seus pormenores, em voz baixa e com attitudes cautelosas.

Encontramos, Alfredo Chaves e eu, no recinto da assembléa, uns vinte representantes da nação. Lembram-me apenas os nomes de Barbosa de Almeida, Custodio Martins, Zama, Aristides Spindola, Padre Castello Branco e Francisco Sá. Este ultimo, mineiro, mas representante do

Ceará, por onde tem sido eleito igualmente sob a Republica, esteve constantemente a meu lado.

Notavam-se alguns espectadores nas galerias e junto ás bancadas. Era normal o aspecto das cousas.

A' hora regimental, assumiu a presidencia o conselheiro Barbosa de Almeida, vice-presidente da mesa provisoria e decano dos deputados eleitos. O presidente Carlos Affonso, presidente tambem da provincia do Rio de Janeiro, achava-se retido por seu dever em Nictheroy.

Aberta a sessão, lida e approvada a acta da anterior, lido e encaminhado o expediente, approvados pareceres, reconhecendo alguns deputados, — reconhecimento que constituia a ordem do dia, pediu a palavra o deputado Cesar Zama.

Em caloroso discurso, perguntou Zama á Mesa si sabia estarem presos ministros, senadores e deputados, e si era certa a deposição do ministerio pela força militar amotinada. Mostrou as tristes con-

sequencias que adviriam do attentado, e opinou que á Camara cumpria tomar energica resolução a respeito.

Desenvolveu ponderosas considerações, no meio de respeitosa attenção, cortada de vibrantes *apoiados*.

Respondeu por parte da Mesa, declarando nada constar a esta, o primeiro secretario Aristides Spinola. Levantou-se a sessão.

Nisto, ouviu-se na rua grande rumor. Cresceu e approximou-se o rumor; os circumstantes abandonaram os seus lugares, correndo para as janellas. (1)

Era um batalhão que desfilava em direcção ao Arsenal de Guerra, precedido e acompanhado de immensa mó de gente mal trajada. Provinha de tal gente a

(1) A narrativa neste ponto differe um tanto da que por mim foi publicada no *Correio da Manhã* de 22 de Junho de 1901. E' que o Dr. Aristides Spinola forneceu-me, depois da publicação, indicações sobre incidentes que me escaparam, ou dos quaes me não recordava.

vozeria indistincta. O batalhão trazia desfraldada a bandeira imperial.

Ao enfrentar a multidão com a Camara, vendo nas saccadas varios deputados, suppoz naturalmente que se iam proferir discursos. Estacou ; fez-se silencio. Então, Cesar Zama debruçou-se na janella, e, com largo gesto, gritou :

— Viva Sua Magestade o Imperador !

Parte da multidão, a maior, correspondeu ao viva. A outra parte permaneceu calada. De repente, ergueu-se dentre ella um brado :

— Ataca a Camara !

A esse brado, produziu-se um movimento de panico entre os deputados e mais pessoas agglomeradas ás janellas. Fugiram quasi todos em varias direcções.

Ficamos cinco ou seis.

Na rua, a multidão hesitava. Mas soaram vozes de commando no batalhão.

A musica tocou. Os soldados puzeram-se em marcha ; o povo seguiu.

No grupo de deputados restantes, ainda se debateu rapidamente a possibilidade de um protesto da Camara.

— Mas nós estamos apenas em sessões preparatorias, — objectou um delles, — nada poderemos praticar regularmente.

— Somos os eleitos da nação, — retrucou Francisco Sá, — a maioria já foi reconhecida; achamo-nos na plena posse das nossas prerogativas constitucionaes: podemos e devemos agir

Estas palavras não encontraram echo. A sala se esvasiara. Compreendi que meu lugar não era mais alli. Acompanhado de alguns amigos, dirigi-me para o Quartel General. Ao passar em face do café do Globo, avistei, na mesa contigua á porta, um sujeito de S. Paulo que, dias antes, se me apresentara munido de numerosas cartas de recommendação em prol de uma pretensão que nutria perante o ministerio Ouro Preto. Como fosse um tanto suspeito a este, excedera-se em manifestações de dedicado applauso

á situação e, sobretudo, ao Presidente do Conselho.

— « Seu illustre pai, — exclamara ao despedir-se, apertando-me com força ambas as mãos, — póde contar em tudo commigo, especialmente na sua gloriosa campanha contra os inimigos da Patria! »

Os inimigos da Patria eram os republicanos.

Na mesa do café do Globo, o sujeito e dois companheiros empunhavam copos de cerveja, muito excitados. Ao dar commigo, desviou elle os olhos sem me cumprimentar. Soltou depois um estrepitoso — *Viva a Republica!* — que os companheiros secundaram timidamente. Foi o primeiro adhesista que vi e a primeira saudação ao novo regimen que escutei.

Mas o que desejo assignalar é que o derradeiro discurso proferido na tribuna da Camara monarchista, consistiu num vehemente protesto contra o levante militar victorioso.

Diante da tropa insubordinada, prestou um deputado intrepida homenagem ao magnanimo Sr. D. Pedro II.

Quão diversamente passaram-se as cousas no Senado!

A 16 de Novembro, indagando o Sr. Conselheiro Correia si constava estarem presos Senadores, declarou o Presidente Paulino de Souza que nenhuma communição tinha a Mesa para responder á pergunta, pois as unicas noticias que conhecia eram as publicadas nas folhas do dia, as quaes não cabia a elle, Presidente, repetir da cadeira presidencial. O visconde de Lima Duarte ponderou então que os jornaes relatavam acontecimentos gravissimos, e inquiriu si não seria conveniente que o Senado tomasse qualquer providencia ou dêsse qualquer demonstração sobre os factos que estavam occorrendo.

O Sr Paulino de Souza replicou com estas palavras:

« O Senado está em sessões preparatorias que se abrem com qualquer numero,

ainda que insufficiente para deliberar. Mantendo hoje, como sempre, a estricta legalidade constitucional e observando o regimento, como me cumpre, não posso consentir debate que não seja restricto á constituição desta Camara ». Nada mais havendo a tratar-se, S. Ex. convida os Srs. Senadores para se reunirem no dia seguinte, ás horas do costume.

E' o que consta da acta. Achavam-se presentes 22 Senadores: Paulino, barão de Mamanguape, Gomes do Amaral, Castro Carreira, Christiano Ottoni, visconde de Lima Duarte, marquez de Paranaguá, Meira de Vasconcellos, visconde de Taunay, Pereira da Silva, barão de Mamoré, Correia, Fausto de Aguiar, Leão Velloso, visconde de Jaguaribe, Saraiva, Luiz Felipe, Soares Brandão, visconde de Assis Martins, visconde do Serro Frio, visconde do Cruzeiro e visconde do Bom Conselho, — dos quaes 2 ex-presidentes do conselho, 13 ex-ministros e 5 conselheiros de Estado. A sessão durou 10 minutos,

levantando-se ás 11 horas e 40 minutos da manhã.

Vinte e quatro horas antes fôra deposta a monarchia. O *Diario Official* do dia estampara a proclamação e os primeiros decretos do governo provisorio constituido pelo exercito e a armada, em nome da nação.

XVII

O parlamentarismo no Brazil

O parlamentarismo foi no Brazil uma lenta conquista do espirito publico, jámais consagrada em lei. Estribava-se no direito costumeiro, não no direito escripto.

Segundo os publicistas, regimen parlamentar é aquelle em que a Camara, representante immediata da nação, exerce preponderante influencia sobre a marcha dos negocios politicos. Nesse regimen, o ministerio não passa de uma delegação da maioria da Camara popular. Sem o apoio da maioria, não póde o ministerio conservar-se no poder. Entre os membros da maioria, deve o chefe do Estado escolher os seus ministros, preferindo os indicados por sua capacidade e prestigio, os que se salientaram. Posto em minoria na

Camara, o Gabinete ou se exonera ou dissolve a Camara, no intuito de consultar a nação.

Ora, semelhante regimen não se achava estatuido na Constituição de 25 de Março de 1824, nem no Acto Adicional de 1834. O art. 9º da Constituição Imperial estabelecia a harmonia e divisão dos poderes, todos os quaes eram delegações da nação (art. 12). O art. 98 insistia sobre a independencia dos poderes, e o art. 101, § 6º determinava expressamente que o Imperador exercia o poder moderador — *nomeando e demittindo livremente os seus ministros*. Claro é, á vista destes e outros textos, que a Constituição de 1824 não autorisava o parlamentarismo.

Durante o reinado de D. Pedro I, as Camaras não influiram na politica e na administração do Estado. A Constituinte de 1823 foi dissolvida por causa da sua opposição ao Governo, cujos actos contrariava e cuja autoridade procurava cerceiar. Creadas pela Constituição de 1824,

reuniram-se pela primeira vez as Camaras Legislativas em 1826. Até á abdicção de D. Pedro I, em 1831, estiveram em antagonismo com o monarcha. Os ministros não sahiam do seio dellas. O ministerio Paranaguá que governava desde 1823 e o do visconde de S. Leopoldo, seu successor, (1827), compunham-se de homens alheios ás Camaras, ou de Senadores. E' verdade que D. Pedro I tentou duas vezes governar de accordo com a maioria da Camara, formando o ministerio Araujo Lima em 1827 e o ministerio Carneiro de Campos em 1830. Mas pouco durou esse accordo, continuando o Imperador a nomear e demittir livremente os ministros. Da revolução de 1831 foi causa occasional o facto de haver D. Pedro I organizado um ministerio exclusivamente composto de senadores, recusando-se re-integrar o ministerio parlamentar.

Em 1826, negara o Governo á Camara elementos para elaborar ella o orçamento. O ministro do Imperio José

Feliciano Fernandes Pinheiro, declarou-lhe em officio, datado de 31 de Maio, não se julgar obrigado a lhe prestar contas de seus actos, nem a lhe endereçar relatorios. Em 1827, encerra-se a discussão da resposta á fala do throno, sem que os ministros houvessem comparecido uma unica vez ás sessões e sem que uma só voz os defendesse. A propria Camara não reputava anormal o facto, a despeito dos protestos de Vasconcellos, Vergueiro, Caravellas, Paula e Souza. Os deputados correspondiam-se directamente com o Imperador, prescindindo dos ministros.

Em fins do citado anno, o marquez de Maceió, ministro da marinha compareceu pela primeira vez á sessão para acompanhar o debate da proposta do Governo relativa á fixação das forças navaes. Ouvindo censuras, não voltou no dia immediato, officinando que os seus affazeres não lhe permittiam comparecer mais. A proposta do Governo foi rejeitada.

Votou-se o primeiro orçamento de receita e despesa, o de 1828, em opposição ao ministerio. Em 1829, adopta a Camara moções de censura aos ministros e aos diplomatas do Imperador. Este encerra a sessão de modo aspero e brusco.

Depois de 1831, começa a Camara a preponderar, mas, no periodo regencial, ainda não dominava o parlamentarismo. Feijó governou algum tempo contra a maioria da Camara, e si deixou a Regencia, em 1837, por causa da forte opposição que soffria, fel-o voluntariamente. Esse anno, na discussão da resposta á fala do throno, sustentou Limpo de Abreu, mais tarde visconde de Abaeté, não ser a Camara a interprete exclusiva da confiança nacional, e defendeu a prerogativa imperial de nomear e demittir livremente os ministros. A doutrina contraria, affirmava elle, tornaria a Camara tão independente que os ministros não passariam de seus pupillos.

De outro lado, Vasconcellos, Rodrigues Torres, Honorio Hermeto propugnavam a

preponderancia parlamentar. Em contra-posição, o ministro Tristão Pio affirma, discursando na Camara, que o poder executivo, separado do legislativo, e, como este, delegado da nação, não tinha que apresentar á assembléa sinão o resultado de seus actos. Ainda em 1840, Feijó combatia no Senado a pretensão da maioria da Camara de intervir na organização dos ministerios, insistindo em que o poder executivo era independente do legislativo, não competindo ao segundo impor sua politica ao primeiro. A Constituição, argumentava o ex-regente, não reconhece o poder das maiorias, nem quer que ellas governem, tanto que confere ao poder executivo a faculdade de não sancionar as leis, e de adiar e dissolver as Camaras.

No segundo reinado, o primeiro ministerio, Hollanda Cavalcanti, foi escolhido entre os membros da minoria.

Mas, pouco e pouco, firmou-se a doutrina de que ministerio sem maioria na Camara, ou dissolvia a Camara ou se

demittia. Em 1847, (20 de Julho) cria-se o cargo de presidente do conselho de ministros, com o fim, — diz o decreto respectivo, — de dar ao ministerio uma organização mais adequada ás condições do systema representativo.

Póde-se datar dahi a fixação do parlamentarismo no Brazil. O Imperador adopta a pratica de consultar o presidente do conselho demissionario sobre a escolha do seu successor. Outorga ao presidente do consellio ampla liberdade para nomear seus collegas. Com raras e profligadas excepções, só entram para o ministerio, salvo o caso de mudança de situação, membros influentes da maioria da Camara e do Senado. As Camaras intervêm em todos os actos administrativos. Os ministros prestam-lhes contas minuciosas. Ministro derrotado nas urnas, sem maioria na Camara, ou simplesmente mal visto nella, sae logo.

No meu tempo, nada menos de 6 ministros — Homem de Mello. Pedro Luiz,

Bento de Paula e Souza, Padua Fleury, Matta Machado e Machado Portella, deixam as pastas, em virtude de insucesso eleitoral.

Em 1883, Rodrigues Junior convidado por carta do presidente do Conselho Lafayette a solicitar exoneração de ministro da guerra, recorreu ao Imperador, e S. M. lhe disse que, havia tempos, transmittira aos presidentes do conselho a faculdade de propor a nomeação ou demissão de seus companheiros.

Por fim, nos ultimos annos da monarchia, em caso de crise ministerial, o Imperador ouvia os presidentes das duas Camaras e os chefes politicos mais eminentes. De 1882 a 1885, a Camara derrubou, por meio de votação de moções, 4 ministerios : Martinho Campos, Paranaguá, Lafayette e Dantas.

Portanto, o parlamentarismo introduziu-se lentamente nos costumes politicos do Brazil, sem que o texto legal o consagrasse. Iam-se seguindo, quanto possivel,

as normas do parlamentarismo inglez. A opinião publica dominava. Ministro impopular não se demorava no poder. O ministerio do marquez de S. Vicente retirou-se em Março de 1871, em virtude da opposição da imprensa, conforme nobremente confessou o illustre estadista.

Foi um bem ? Foi um mal ?

O modo como se estabeleceu o parlamentarismo prova que a vontade do paiz o exigiu. Dahi a sua legitimidade. O facto de surgir agora, após 11 annos de Republica presidencial, uma forte corrente parlamentarista mostra que este systema deixou algumas saudades e produziu beneficios.

Sylvio Roméro, na sua interessante monographia — *Parlamentarismo e Presidencialismo* coteja os dois regimens realçando as vantagens do primeiro e refutando as objecções dos seus antagonistas.

Eis, resumidamente, os argumentos do illustre publicista :

O parlamentarismo seguiu a sua evolução, dotando a Gran Bretanha do Governo mais livre existente sobre a terra, e repercutindo nos povos progressistas e liberaes. A Hollanda, a Belgica, a Suecia, a Italia, a França, a Hespanha entraram no grande cyclo dos governos de discussão, de responsabilidade, de vida ás claras, governos de opinião.

Os ministros, membros da Camara, e dirigindo os trabalhos legislativos, melhor conhecem as necessidades, as difficuldades do governo ; veem mais lucidamente que os outros quaes as leis urgentes. E' sob a sua responsabilidade que vão ser executadas as medidas votadas ; terão cuidado em prevenir as inconsideradas e perigosas .

Levados ao poder pela maioria da Camara, tem escrupulo os ministros em se conservar nelle, quando essa maioria os abandona. Basta o mais leve signal de desconfiança para que se retirem. Personagens considerados, chefes obedecidos,

oradores admirados, fazem questão de honra em que não se lhes diga duas vezes que deixaram de agradar. Em caso de dissidencia, a resolução dos conflictos não se demora. Os ministros, desautorados por um voto contrario, demittem-se ; cedem o lugar aos representantes de uma opinião mais conforme á da maioria ; a harmonia reina de novo entre os poderes. E' um mecanismo infinitamente sensível.

No parlamentarismo, o Governo tem o recurso de appellar para o paiz e indagar das preferencias populares. Segundo Laboulaye, a responsabilidade ministerial, como existe na Gran Bretanha, é uma garantia mais efficaz de *governo popular* do que a mór parte dos systemas organizados pelas constituições inventadas ha sessenta annos. O systema constitucional dos ministros responsaveis é muito mais republicano e apresenta menos inconvenientes do que o systema dos Estados Unidos. E' um systema mais verdadeiro, mais franco, mais democratico, pois, todas as

vezes que uma difficuldade grave se produz entre os poderes, appella para o povo e este decide a questão.

O parlamentarismo em sua formula completa, é producto historico mais recente do que o presidencialismo, porque, na sua radical integração, é filho dos ultimos annos do seculo 18.º e primeiras decadas do 19.º No regimen parlamentar, attingem-se as altas posições pelo prestigio, pela influencia, pela posição ganha a golpes de talento, pela superioridade conquistada a golpes de saber. O ministro imposto pela representação do povo é outra figura. ostenta outro porte, porque sabe ter atraz de si, para o segurar, a força incontrastavel da opinião.

A amplidão dos debates parlamentares na Camara dos Communs ingleza abre uma larga esphera ás intelligencias, ás vistas elevadas, ás idéas novas, contribue para formar a opinião ; associa a nação inteira a resoluções largamente estudadas, abundantemente contestadas

e justificadas. diante della, e faz descer de novo de algum modo até ás massas a vida politica superior que se tinha concentrado e exaltado no parlamento.

O systema parlamentâr não é perfeito, mas é menos arbitrario, menos compressor, menos abusivo do que qualquer ditadura.

As tradições mais profundas da raça aryana, desde os seus primordios, são accordes em indicar o conceito do governo com uma participação de todos na gerencia dos negocios publicos que a todós interessam. Vêde as reuniões publicas da Grecia, as de Roma, e, mais especialmente, as assembléas da idade media, de que a Suissa actual offerece ainda admiraveis exemplos. A complicação dos assumptos politicos e as difficuldades practicas da co-participação de todos nos grandes nucleos populares trouxeram a idéa de delegação. Nada mais simples, mais justo, mais logico, mais de harmonia com o intuito geral da acção governativa.

Nos sessenta e sete annos do Imperio Brasileiro, o parlamento representou, defendeu, amparou as liberdades publicas. Com todos os empeços, todas as pressões que se lhe oppunham, todas as vacillações, incertezas, abusos, — ao parlamento cabem as paginas mais fulgurantes na historia das nossas liberdades. Na legislação civil, criminal, politica, economica, não existe um só feito de valor, um só acto de importancia cuja maior parte não pertença ao parlamento. « Negal-o seria um attentado contra a verdade, um ultrage á historia, e um systematico desdem pelo espirito nacional naquillo que elle tem de mais elevado. E, quando fosse possivel tudo esconder, quando fosse razoavel o plano de systematizar a mentira, seria facil tapar a boca aos detractores, lembrando toda a epopeia da liberdade dos escravos. Não era preciso mais nada. »

Militava a favor do parlamentarismo no Brazil a experiencia de mais de sessenta annos de vida que se pode dizer

normal. Porque não morreram, nem podiam morrer, nem se atrophiaram as nossas liberdades de reunião, de pensamento, de imprensa, de ensino, de locomoção, de segurança individual, de profissão? Porque lá estava o parlamento com os seus processos de ampla discussão, de forte fiscalisação, dos actos dos governos.

O parlamentarismo, scenario de solemnes debates, arena de idéas, dispõe da maleabilidade, do elasterio indispensaveis ao jogo politico da democracia moderna. Encarna a feição geral da vida social contemporanea; attrahe a attenção das massas consorciando-as ao exame e á solução dos grandes negocios; tem por si, no Brazil, a indole do povo, no que elle mostra de mais liberal, e as suas tradições no que ellas possuem de mais selecto.

XVIII

Observações finais

Procurei cumprir o meu dever, da melhor maneira, durante os meus oito annos de deputação. Intervim activamente nos debates; votei a favor de todas as medidas patrioticas e liberaes; apresentei varios projectos sobre elemento servil (25 de Julho de 1883, 12 de Outubro de 1886 e 4 de Maio de 1887), no mais adiantado sentido: offereci tambem projectos sobre reforma da administração provincial (17 de Julho de 1884); considerando de festa nacional o dia da abolição do captiveiro (10 de Maio de 1888); autorisando o governo a se fazer representar oficialmente na Exposição Universal de Paris em 1889 e occorrendo ás respectivas despezas, — projecto este convertido em lei

(21 de Maio de 1888); auxiliando o theatro nacional (14 de Junho do mesmo anno); abolindo a pena de morte (8 de Junho do mesmo anno); mandando effectuar o recenseamento geral do Imperio (3 de Outubro do mesmo anno). Si mais não fiz, foi, repito, por escassez de intelligencia e não de vontade.

Guardo daquelle tempo saudosas recordações. Entretanto, quando fosse possível, não volveria de bom grado á vida parlamentar. Não se coadunam com tal vida o meu temperamento, as minhas predilecções. Essas predilecções são pelas lettras, as doces e poderosas consoladoras, cujo maior beneficio é a paz que deram nas almas, no dizer de Prévost Paradol: « Sois como essas fontes limpidas escondidas a dois passos da estrada, debaixo de frescas sombras. Aquelle que ignora a vossa existencia, continua a caminhar apressadamente ou cae extenuado no caminho. Aquelle que vos conhece dirige-se para vós, refresca a fronte

e rejuvenesce o coração. Sois eternamente bellas, eternamente puras, clementes a quem volta para vós, fieis a quem vos ama. .»

Eu conhecia as queridas lettras, dei-xei-as pela politica, mas regressei a ellas. Ser-lhes-hei de novo inconstante ? Creio que não ! Sejam-me ellas propicias, — como assegurava o poeta !

Algumas das minhas obervações pes-soaes naquelle periodo podem ser algo proveitosas. Vejamol-as.

Muitos homens de valor não attingem no Parlamento o devido lugar, por timidez, ou excessivo amor proprio. Receiam estreiar, ou ficam á espera de uma boa oportunidade que nunca chega. Dá-se isto com os que veem precedidos de larga nomeada. A apprehensão de não corresponderem á espectação, tolhe-os e lhes amortece as faculdades. O acertado é estreiar na primeira occasião azada. sem andar á procura della, sem escolher muito o momento e o assumpto. Perdido o medo

da tribuna, readquirida a confiança em si, facil se torna, em seguida, empenhar-se em qualquer debate. Ha muita verdade no dictado: os poetas nascem, os oradores se fazem. Com o habito da tribuna, ganha-se aptidão oratoria e se desenvolve a innata. É n'agua que se aprende a nadar e, quanto mais agua, melhor.

Prejudica tambem muitas vezes o facto de haver o novel deputado produzido grande effeito no seu discurso inicial. O temor de ficar abaixo de si proprios, de decahir no conceito conquistado, inhiibe certos oradores de insistirem na tribuna. E' o caso do celebre parlamentar inglez William Gerard Hamilton, conhecido pela designação de — homem de um só discurso, — *single-speech-Hamilton*. Deputado aos 26 annos, precedido de brilhante fama, poeta, jurisconsulto, talhado para as culminancias, falou pela primeira vez na Camara dos Communs um anno após ter entrado para ella e alcançou enorme triumpho. Proclamaram-n'o rival de Chatam.

Esse triumpho o annullou . Durante 40 annos, ali permaneceu silencioso, com invencivel cobardia da tribuna . Narram os seus biographos que o agitavam mil velleidades de se atirar á batalha dos partidos, mas, no ultimo instante, pretextava fadiga ou molestia, não debellava a nervosidade orgulhosa, e o notavel discurso annunciado perdia-se em conversas nos corredores. Funcionario, nem siquer defendia os seus actos. Timorato e inquieto, escreveu uma *Logica Parlamentar*, fructo de suas prolongadas meditações, mas não se animou a publicar a obra. Na *Logica Parlamentar*, fez a anatomia da eloquencia. Contem centenas de maximas e ponderações de que todo homem politico auferirá proveito. Jeremias Bentham, autor dos *Sophismas Parlamentares*, admira muito o tratado de Hamilton.

Nesse livro, no dos *Oradores* de Timor e em outros, colhi preceitos que vou expôr, entremeiados de reflexões individuaes. Mas a rhetorica seria facillima e

dispensavel si pudesse ser condensada em pequeno numero de regras. Cumpre ao orador ser antes de tudo um espirito inventivo e criador, que saiba variar os seus processos, segundo as causas, as conjuncturas, as occasiões e as relações.

Em geral, si não sempre, os discursos decorados não calam, não causam móssa. A forma escripta diverge profundamente da forma oratoria. Para agradar na tribuna, convem certa imprecisão, certa redundancia, certas repetições, certas fluctuações e variedades de estylo que repugnam á forma escripta. Pode-se escrever o plano geral, os principaes argumentos, as imagens, quando muito o exordio e a peroração, nunca a parte expositiva e a demonstrativa. O orador deve pensar fortemente o assumpto, conhecel-o a fundo, architectar mentalmente o conjuncto, preparar cuidadosamente os materiaes, porém empregal-os, modificando a sua disposição, conforme a situação do auditorio e as impressões que for recebendo.

Não se deve falar diante da Camara, pondera Timon, como se falaria diante do povo. O povo ama os gestos expressivos que se avistam de longe e por cima das cabeças; ama as vozes quentes e vibrantes. O recitador traz o olhar morno, o gesto falso. Nunca vibra com a assembléa. Não interrompe, com medo de que se lhe replique, não replica com medo de que o interrompam. Não sente o deus interior, esse deus da Pythoniza que agita e domina. Tem a eloquencia que se lembra e não a eloquencia que inventa. É o homem da vespera, enquanto o orador deve ser o homem do momento. É o homem da arte, não o homem da natureza. Finge a verdade, representa a perturbação, engana o publico, a Camara, o steno-grapho e a si proprio.

O politico que está sempre a falar da sua probidade faz desconfiar que é trahante; da sua vigilancia, que é preguiçoso; da sua gratidão, que é ingrato: da sua coragem, que é cobarde.

Não deve o orador, a toda hora, a proposito de tudo, subir á tribuna, discorrer, prodigalisar-se. Não se mostre altivo nem humilde : seja verdadeiro. Si a attenção da Camara estiver exhausta, não peça a palavra, porque não será escutado e é mortal para um orador não ser ouvido. Não fale sinão para dizer alguma cousa e não somente para que conste que falou. Enfim, reflecta que as leis vão determinar a felicidade ou a desgraça do povo, protegel-o ou opprimil-o, moralisal-o ou corrompel-o. Fale o orador como si o povo todo o escutasse, fale como si todo o povo o visse. Tenha sempre diante dos olhos a grande e veneranda imagem do povo.

A antiga definição do orador — *Vir bonus dicendi peritus* — comprova-se todos os dias. O bom orador, aquelle cujo discurso persuade e convence, não póde deixar de ser homem de bem. Só da palavra desse decorrem consequencias fecundas, salutaes e duradouras. Os scepticos, os de consciencia avariada conseguem deleitar,

arrastar mesmo, n'um dado momento, mas não inspiram a confiança necessaria ás grandes resoluções. A verdadeira eloquencia é a paixão por uma causa justa. De tres maneiras a razão se convence : pelo character do orador, pela disposição do auditorio e pela força da argumentação. A primeira é a unica segura e effcaz.

Os homens honestos, maus oradores, conseguem mais, mesmo nas assembléas avidas de eloquencia, do que os deshonestos verbosos. O meio de influir numa vasta assembléa consiste em proceder bem, de forma a merecer acatamento. A um habil rhetorico, ouve-o a assistencia um momento com satisfação ; não possua elle certos predicados moraes e o seu discurso esteril passará como um « vento de palavras ». Um publico desconhecido o applaudirá talvez ; mas na Camara todos se conhecem, reina intima convivencia entre todos ; as phrases tem ali simplesmente o peso de quem as proferiu. O dextro, o geitoso, o unicamente experto, raro se

impõe. Seus serviços podem ser apreciados. Consideram-n'ó uma utilidade. No fundo, desprezam-n'ó.

Em politica, os principios certos são os que Paulo Louis Courier arvorava como programma : entre dois pontos a linha recta é a mais curta; o todo é maior que a parte; duas quantidades iguaes cada uma a uma terceira são iguaes entre si; dois e dois fazem quatro.

A franqueza, a hombridade o trabalho honrado, ainda constituem, a despeito de tantas decepções, os instrumentos mais firmes para a ascensão, para se superarem os obstaculos. Nada de impaciencias. Os trefegos e ardilosos enredam-se afinal nos proprios manejos.

Ha tambem um elemento mysterioso e importante : a boa estrella, a felicidade de cada um.

Não é se esforçando para se pôr em evidencia, açodada e inoportunamente, que o politico se salienta. Cumprindo o seu dever com escrupulo, laborando indefesso,

— sincero, sério, calmo e ponderado em tudo, angaria insensível e naturalmente consideração e prestígio. Cumpre observar para com companheiros e adversários inalterável lealdade, estricte cavalheirismo. Aos companheiros jámais prejudical-os ou intrigal-os, jámais expellil-os sem razão de ordem geral dos lugares que occupam. Impellil-os para cima, si fôr caso de os impellir. A lealdade e o cavalheirismo relativamente aos adversários não excluem a energia e a decisão no atacal-os, quando mister. Justiça sempre, em quaesquer emergencias. Nas repulsas, haja fortaleza; a reacção domine, exceda a acção. A gloria dos discursos é ephemera. A decorrente do character, da correcção em todos os actos, sobrevive.

Em summa, todas estas ponderações, cujo valor, si o têm, deriva apenas da sua cordialidade, se synthetizam na maxima do velho José Bonifacio: a sã politica é filha da moral e da razão.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).